

MOVIMENTO BRASILEIRO

PRIMEIRO ANNO

Numero 11

Director:

RENATO ALMEIDA



ARRANHA CEU, projecto de NESTOR DE FIGUEIREDO

NOVEMBRO

PREÇO — 1\$000

RIO DE JANEIRO

Compagnie Générale Aériopostale

50, AVENIDA RIO BRANCO — Rio de Janeiro
 Correio Aereo
Linhas C. G. A. Aereas

Horario e taxas de RIO DE JANEIRO

ENTREGAR AS CORRESPONDENCIAS AO CORREIO:

para Victoria, Caravellas, Bahia, Maceió, Recife, Natal e EUROPA.	} 10 horas AOS SABBADOS
para Santos, Florianopolis, Porto Alegre, Pelotas, URUGUAY, ARGENTINA, PARAGUAY e CHILE.	

Taxas Postaes

A correspondencia transportada nos aviões das linhas **C. G. A.** paga:

Em sellos ordinarios do correio — 1.º a taxa postal em vigor

Em sellos especiaes do serviço aereo — 2.º a taxa transporte aereo

A taxa de **Expresso** é facultativa

Tabella das taxas de transporte aereo de Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>	RIO DE JANEIRO PARA:	<i>Cartas, bilhetes 5 grms. Impressos, Amostras, encom- mendas 50 grms.</i>
Pelotas.....	\$500	Caravellas.....	\$500
Porto Alegre.....	\$500	Bahia.....	\$500
Florianopolis.....	\$500	Maceió.....	\$750
Santos.....	\$350	Recife.....	\$750
Victoria.....	\$350	Natal..	\$750
		F. Noronha.....	\$750
		<i>Cartas, Bilhetes, por 5 grms.</i>	<i>Impressos, Amostras e Encomendas-por 50 grms.</i>
EUROPA.....		2\$500	5\$000
Uruguay e Argentina.....		1\$000	2\$500
Paraguay e Chile.....		1\$500	3\$000

Peçam

“CAPILIDI”

O unico preparado vegetal, sem
oleo, que destroe a caspa, e revigora o
couro cabelludo, evitando
em muitos casos a queda do cabelo.

FORMULA DO CHIMICO

A. RABELLO

Á venda em todas as pharmacias
e perfumarias.

MOVIMENTO BRASILEIRO

Revista de critica e informação

PRIMEIRO ANNO

Numero 11

Director :

RENATO ALMEIDA

LE CORBUSIER

UMA ENTREVISTA COM HERMANN KEYSERLING

ARCHITECTURA E URBANISMO

RENATO ALMEIDA: A NOVA POESIA BRASILEIRA

MARIO DE ANDRADE: MOMENTO

HILDEBRANDO ACCIOLY: A LIGA DAS NAÇÕES E O PROBLEMA DA PAZ

TEIXEIRA SOARES: STRESEMANN

O. B. DO COUTO E SILVA: O CASAMENTO NA AMERICA

WALDO FRANK NA ARGENTINA

O QUE OS HOMENS ATÉ 1870 NÃO VIRAM NEM SOUBERAM

REPERTORIO

REDACÇÃO:

R. D. MANUEL, 62

ASSIGNATURA ANNUAL

BRASIL — DEZ MIL REIS

Exterior — Dois dollares

Movimento Brasileiro

ANNO 1 — N.º 11

NOVEMBRO — 1929

LE CORBUSIER

Visitará ainda este mez, o Rio de Janeiro, a convite do Instituto Central de Architectos, cujo esforço pelo modernismo devemos realçar com entusiasmo, o artista francez Le Corbusier, um dos grandes mestres modernos. A sua palavra, depois da do prof. Steinhof, trará seguramente para o nosso meio o prestigio de uma poderosa força de renovação, que se impõe a todo o mundo. E certo que as idéas que Le Corbusier exporá, como as do prof. Steinhof, não representam uma novidade para o Brasil. Têm apenas o merito da autoridade, affirmando aquillo que, desde 1922, os escritores modernos brasileiros vêm pregando, a necessidade da criação de uma arte propria e pessoal, condicionada ao ambiente e ao tempo, e não mais a reproducção das fórmulas mortas e as parodias ridiculas e inadaptaes.

Ainda agora, quando o prof. Agache formula o seu plano de reconstrução da cidade, não nos deixamos entusiasmar pela grandeza das linhas e proporções, pelo encanto de algumas realizações e condemnamos esse esforço como copia, que não deve vingar, porque uma capital não se desenvolve livremente dentro de planos inadequados de architectos extranhos, mas o seu rythmo é que deve guiar a obra dos constructores. O contrario será pura imitação. Uma cidade vive em harmonia com o meio physico e reflecte o character da sua população. É um organismo vivo, portanto livre, e será erroneo limitar-lhe o desenvolvimento em planos que não expressem as suas tendencias, ou as limitem. A nossa natureza se desforará desses jardins exóticos, alinhados, disciplinados, que transportam para o calorão do Rio de Janeiro os parques macios das Tulherias ou de Versalhes.

A palavra audaz de Le Corbusier, embora já nos seja familiar pelos seus livros, pelas descrições e photographias dos seus projectos e edificações, terá para nós o prestigio de uma das grandes forças da renovação moderna. Para elle, a vida moderna espera por um plano novo para a casa e para a cidade. Esse plano será a criação da architectura, que não depende dos estilos mentirosos, quando a nossa época fixa cada dia um estilo novo, mas do espirito do tempo, com as suas condições psicologicas e as suas determinantes economicas, que obrigam á serie e á standardização. A grande reforma do espirito veiu da machina. Mas a

machina vem da geometria. "A geometria é a nossa grande criação — exclama Le Corbusier — e ella nos emociona." E esse espirito geometrico deve ser a synthese contemporanea. Ainda agora, na sua primeira conferencia em Buenos Aires, Le Corbusier realçou o contraste que vae entre as criações architectonicas modernas, complicadas e desnaturalizadas, e os principios que regiam a architectura hellenica, clara, mathematica, symbolo da simplicidade mesma, do equilibrio da barbaria vencida.

Nesse particular, a indagação deve ser profunda. Não ha duvida que o espirito geometrico domina a materia e tudo se reduz a volumes. Mas, como não ha uma só geometria, diversas são tambem as suas formas. Como outras geometrias constróem por sua vez o universo, variam as suas expressões. Essa geometria clara e hellenica, sobre a barbaria vencida, será inapplicavel a um paiz como o Brasil, que ainda procura vencer a barbaria e que logicamente so a vencerá dentro do rythmo da sua natureza. Seria absurdo transpor para este continente o schema hellenico. Devemos suscitar o espirito criador do architecto e do urbanista. Admittir essa geometria para condicionar as fórmulas plasticas seria talvez arriscado e poderíamos entrar na regra inactual, que tanto horroriza o architecto francez. A geometria se coordenara com o meio, sera o seu disciplinador e não estrangulara a sua originalidade. Na variação do mundo actual, as fórmulas absolutas degeneram sempre em preconceitos, em que se conserva o passadismo. No Brasil, o phenomeno architectural differirá da Europa e dos Estados Unidos, e não se regerá portanto por uma mesma geometria. Basta pensar na influencia formidavel do clima, para sentir toda a differenciação exigida.

Quando começa a surgir, entre nós, uma geração de architectos modernos, a lição de um mestre como Le Corbusier não representará apenas um motivo de entusiasmo idealista. Será de resultados efficientes e praticos, adaptando a vibrante sensibilidade brasileira ás resultantes universaes do espirito constructor novo. Ninguem se illudirá pensando que os homens do futuro, dentro de meio seculo, estarão ainda curvados sobre os planos passadistas do professor Agache, para orientar o desenvolvimento da nossa capital. Ella será remodelada, fatalmente, pela propria energia brasileira.

Uma entrevista com Hermann Keyserling

Com Keyserling não se pôde seguir o processo usual das entrevistas, porque elle mal deixa ao interlocutor o tempo para rapidas perguntas, uma ou outra observação. Fala sempre, vertiginosamente, exigindo que se lhe fique muito attento, para não perder as palavras que, por mais que corram, ainda ficam atraz do seu pensamento. O philosopho de Damstadt começou a sua conversa conosco insistindo no *leitmotiv*, com que tambem principiou a sua primeira conferencia entre nós, depois de o ter muito repetido nos outros paizes do continente, que a America do Sul foi a maior impressão directa que tem tido da humanidade. Por toda parte tem encontrado homens cheios de preconceitos, formulas literarias, velhos. Aqui, o homem é novo e cria uma civilização de base emocional.

O que procura é sempre o homem, por isso viaja. Lê pouco e só conhece os livros essenciaes á formação de cultura ou as grandes obras-primas do genero humano. Prefere conhecer o homem directamente e para isso o procura em toda parte em que se encontra. Perguntamos se a natureza o interessava, e respondeu Keyserling que pouco. Olha apenas de relance para tirar a impressão do meio. Mas nunca estaciona para contemplal-a. Aqui, nos paizes sul-americanos, ás cidades, construcções, monumentos, a nada disso dá attenção, pois, nesse particular, tudo nosso está em começo. É, e só quer ser, um homem sem compromissos, ao meio dos outros homens.

— Dahi a sua philosophia ser feita sem jargão, interrompemos.

— Sim, porque a philosophia antiga era outra especie de philosophia e eu acho que o philosopho não é apenas o doutrinador, mas o individuo que vê o universo em funcção da compreensão, como o economista o faz em funcção das trocas e o politico das relações sociaes.

— Tambem Bergson é um philosopho sem jargão, ou, pelo menos, com muito pouco.

— Mas Bergson, que foi meu grande amigo pessoal, antes da guerra, tem uma maravilhosa expressão literaria, que é o seu grande prestigio.

Falou-se em Nietzsche e Keyserling disse que elle foi o philosopho da nostalgia. Depois a conversa rodou para a situação mundial. Keyserling, com a sua admiravel intuição sociologica, porventura a feição mais

caracteristica do seu espirito, disse logo que os dois paizes que maiores alterações soffreram depois da guerra toram a Russia e a Inglaterra. Enquanto França e Allemanha pouco se modificaram, aquelles offerecem fundas differenças. Nenhuma mudança foi mais rapida na historia do que a da Russia, cujo regime actual e devido a uma elite de genios, continuando a tradição nacional, de ser a Russia governada por uma minoria forte, a que se submete a maioria. Por isso lá nunca entrou nem entrará a democracia. A essencia russa, pela tradição mongolica, é impetuosa. O mongol foi o povo mais imperialista e conquistador. Dahi o russo ser um homem de convicções absolutas. É bolchevista porque é. Enquanto um allemão, por exemplo, não aceitaria uma posição antes de ter raciocinado, porque é filho de um povo de razão, o russo se entrega pela paixão e é extremado. Sobre as influencias criadoras citou-se Dotoieswsky e Keyserling replicou que não. O pae foi Tolstoi, de quem disse não ser um espirito sincero, pois enquanto evangelizava, era um homem muito mau.

Perguntamos se julgava o bolchevismo um phenomeno russo, e respondeu:

— É um phenomeno oriental, cuja influencia é impossivel de evitar ou limitar...

— E invadirá o occidente...

— Isso, nunca. Será oriental apenas. A linha que divide o Oriente do Occidente passa pelos estados balticos, Polonia e vae á Rumania. O bolchevismo não a ultrapassará. Já em 1919, quando me perguntavam na Allemanha, se elle nos invadiria, affirmava o contrario, sob palavra. Quanto á America do Sul, nem ha que pensar em bolchevismo. A Italia apresenta no fascismo um phenomeno com grandes pontos de contacto com o bolchevismo, no que se refere á vontade dominadora, mas em essencia diverso. Na Inglaterra a transformação é enorme. É a luta dos filhos contra os paes. O partido trabalhista está cheio de aristocratas.

Perguntamos sobre a approximação entre a França e a Allemanha, e Keyserling disse que é natural esse "casamento de razão". O grande merito da guerra foi tornar impossivel, de futuro, outra guerra entre os dois paizes, porque elles representam a cultura europeia. O odio não é de raça, mas de tradição politica, por causa

do Reno. As mocidades hoje se admiram, os industriaes se admiram e têm interesses communs, logo nada impede esse approximação auspiciosa. Curioso é que grandes homens francezes têm enormes contactos com os allemães. Poincaré, por exemplo, cujos defeitos são tôdos allemães. Elogiou largamente a cultura e a espiritualidade francezas, como uma das coisas superiores do mundo. Acha, porém, que a França deve renovar os seus quadros, pois é o unico paiz europeu, cujos estadistas são os mesmos de antes e de durante a guerra.

— E os Estados Unidos ?

— É o paiz que apresenta maior semelhança com a Russia, pela essencia economica communista. Odeiam-se, é certo, mesmo porque são os dois imperialismos que regerão o mundo. São os dois maiores aconteci-

mentos da civilização moderna. A approximação anglo-americana é de interesses momentaneos, não fundamental. A Inglaterra é hoje obrigada a estar em boas relações com os E. Unidos, por causa do Canadá e talvez das outras colonias. Isso lhe tolhe os movimentos. Em qualquer estremecimento, o Canadá terá o apoio americano para a separação.

Falou-se depois no Brasil e Keyserling mostrou o grande interesse pelo nosso paiz, onde encontrou uma élite de homens representativos de cultura, como em nenhum outro deste hemispherio. Como estivesse aqui, ha poucos dias, não poderia dizer com maior segurança, mas a physionomia espiritual do Brasil se lhe afigurava a de um povo de grande preocupação intellectual.



ARCHITECTURA E URBANISMO

A PALAVRA DE STEINHOF

O professor Eugenio Steinhof, da Escola de Artes Decorativas de Vienna, é um artista moaerno, um verdadeiro constructor, de orientação clara e segura. Sobre architectura e urbanismo, nos deu algumas conferencias e artigos, mostrando as suas tendencias actuaes e defendendo os principios evidentes da subordinação ao tempo e suas determinantes e da harmonia com o ambiente, evitando as deformações da copia e do passadismo, que esterelizam e prejudicam o livre desenvolvimento da personalidade dos artistas. Visitando o Brasil, a convite do "Instituto Central de Architectos", que assim testemunhou a sua preocupação pelas correntes modernistas, adquirindo inegualavel prestigio junto aos moços, o prof. Eugenio Steinhof, que demonstrou grande entusiasmo pela renovação brasileira, dentro do espirito moderno, concedeu ao MOVIMENTO BRASILEIRO a entrevista abaixo, cheia de vibração nova e aguda penetração.

A nossa primeira pergunta sobre a remodelação da cidade, explicou o prof. Steinhof que, até agora, pelo desenvolvimento espantoso que tem tido o Rio de Janeiro, não foi possivel cuidar de urbanismo, nem de architectura. A cidade está num momento de transição. É preciso, antes de tudo, formar uma geração de architectos livres, sem estar infeccionada pelas theorias, vindas de uma geração anterior que nada criou. Deve des-

pertar-se nos moços, a criação pelo proprio temperamento, evitando o preconceito passadista e academico, bem como a obsessão modernista. Nada de *dernier cri*.

A CASA BRASILEIRA

Falamos, a seguir, da casa brasileira, e o prof. Steinhof nos disse que uma das suas alegrias foi ter

compreendido o nosso espirito. Acha que, na Europa, a familia vive muito isoladamente, ao passo que aqui, é sempre um conjunto. Assim, a casa brasileira deverá ser feita de modo que nella se ande livremente, sem as escadas complicadas das européas. A importancia do clima é preponderante, mas é preciso considerar que a sua ventilação se faz pela corrente de ar, isto é, pela circulação constante do ar. Isso se consegue por meios que são differentes e contrarios mesmos aos da casa européa. O principio tecnico da casa brasileira deve ser o de uma garrafa thermica: paredes grossas e varandas. A questão não é só de grandes janellas, mas de aberturas no alto, por onde se renove o ar e saia todo o ar quente.

O ABSURDO COLONIAL

Indagamos da sua opinião sobre o colonial no Brasil. Respondeu claramente: "Acho um absurdo. Primeiro, porque o paiz não é mais colonia, depois porque foi uma arte portugueza campestre, feita numa época em que o espirito era barroco, o que não acontece mais hoje. A architectura deve vir do fundo do espirito do povo. Os ornamentos são reflexos do seu subconsciente. É preciso extrair a essencia desse espirito, que se revela na propria linha ornamental. Por ella se saberá da origem e da espiritualidade de um povo. O colonial é uma volta ao passado sobre o estilo passado, tão falso como o Luiz XVI." Adora o colonial feito pelo espirito ingenuo da grande alma barroca, mas abomina todas as copias. Sobre o arranha-ceu, disse que o julga uma questão economica, determinada pelo valor dos terrenos. Do contrario, acha um puro romantismo. Quanto ás nossas casas altas (que se admirou um pouco de serem chamadas de arranha-ceus) disse que não as condemna e as justifica, tudo dependendo da localização, de accordo com o ambiente e a paisagem.

O JARDIM BRASILEIRO

A proposito dos nossos jardins actuaes, acha-os detestaveis. É uma copia servil e inadaptable. E explicou: o jardim deve estar em relação com a flora. A arvore européa é de contornos incertos e vae bem no seu ambiente. Aqui, a arvore é definitiva, o que espanta o estrangeiro. A palmeira é uma cristalização clara da lei da formação. Em compensação, não poderíamos ter aqui o carvalho, aliás uma arvore magnifica. O criterio deverá ser a flora, aqui de uma superioridade extraordinaria. O contrario é puro snobismo. Seria querer que um povo habituado aos meio-tons comprehendesse uma musica de quarto de tons. O europeu julga sempre a architectura hindú sobrecarregada, mas os hindús nella expressam sinceramente o seu temperamento, sem nenhum excesso.

ARCHITECTURA, ECONOMIA, ENGENHARIA

Sobre a determinante economica na architectura, disse que a guerra trouxe na Europa a miseria e esta criou uma architectura economica, mas recusa-se a acreditar que a economia seja o fim de qualquer arte. A simplicidade de uma ponte ou de uma gare são admiraveis mas a perfeição do calculo não póde ser também architectura, porque a architectura é o symbolo do espaço no qual o homem vive, espaço criado com as suas mãos. A architectura deve criar o bem estar humano no seu sentido mais elevado. A construção dá os meios. O hangar d'Orly, ou a ponte do Porto são coisas maravilhosas, mas não podem substituir a architectura. O architecto deve partir da riqueza da natureza, que não contemplará apenas segundo uma impressão sentimental de belleza, mas pelo lado da sua propria criação. A natureza é sempre bella e a belleza está em compreender a sua lei. É preciso libertar o joven architecto do plano desenhado pelos meios technicos do rectangulo e do linear. O plano deve ser uma execução livre como a criação de um quadro ou de uma estatua. É por isso que no estado de criação o desenho deve ser feito a mão livre e somente depois será fixado para a execução. E no passado mesmo, vemos isso, os planos dos grandes mestres da architectura foram sempre desenhos livres.

Insistiu em dizer que não é um nihilista nem quer destruir o passado. Este deve ser cultivado pela admiração aos grandes artistas, que só foram genios porque evitaram a copia e isso é que lhes deu força. Miguel Angelo só revelou o seu genio, quando se libertou da influencia de Donatello. Só quem compreende bem o passado, póde evital-o.

Falando sobre o classicismo, disse que não é elle grego. "O Parthenon, affirmou ousadamente, era uma pequena casa, muito bella, campezina". O que se convencionou chamar de classico é um estado de espirito com duas chamadas superpostas: uma, grega, vinda do culto de Hermes e de Apollo, outra, franceza, vinda do Renascimento italiano. Porque o verdadeiro espirito francez não é o bom gosto, mas está synthetizado na cathedral gothica. Aquelle espirito destruiu a essencia franceza, diminuindo-a. O verdadeiro genio francez é Villon. Na França foi impossivel a impetuosidade da Renascença italiana.

O CLASSICISMO

As suas ultimas palavras foram de entusiasmo pelo modernismo brasileiro e pelo espirito renovador que encontrou, sobretudo nos estudantes de architectura, de cuja formação acredita que se póde esperar a transformação architectural do Brasil.

A nova poesia brasileira

Conferencia de Renato Almeida, de A. B. E.

A natureza, no Brasil, não tem sido sómente essa força de mysterioso terror que amesquinha o homem, nem essa perturbação constante á obra do progresso, que entrava como a defender a barbaria nativa, mas, por sobre tudo, uma inspiradora fiel do lirismo, com que o homem tem procurado exaltá-la, soffrer a sua tirannia, dominal-a e vencel-a. Toda a nossa poesia brota dessa fonte prodigiosa. O seu deslumbramento nos faz eloquentes e vibrantes. Se, porém, nos deprime, tudo é melancolia, lassidão, desanimo. O sortilegio perdura. Do extase dos primeiros conquistadores á emoção dos poetas modernos, a poesia tem sido o milagre supremo da terra. Do pasmo inicial, das sensações do olhar, do tacto, do gosto, do olfato, tudo novo na terra nova, até a sensibilidade nativista da poesia moderna, ha por certo um longo sentimento que se transforma. A principio é o canto á terra "estupidamente bella", depois é ao paiz que surge, se modifica, e começa a criar a civilização. Mais tarde, as forças humanas se incorporam e o indio romantico é um symbolo da terra, que se torna patria. Vêm depois outros poetas, imbuidos agora de espirito estranho, muito mettidos com gregos e romanos. Mas, nem assim, fogem á fascinação da natureza e são seus grandes cantores, ainda que por vezes o artificio prejudique a sinceridade. Os que se afastaram e se isolaram dessa emoção nacionalista, que na poesia contaminou o proprio Machado de Assis, fizeram obra incompreensivel na harmonia da sensibilidade brasileira. O nosso lirismo é a magia da natureza que nos envolve e já agora nós a completamos.

Mas, se a imaginação brasileira se commove sempre diante dos mesmos motivos, como variou a sensibilidade, que hoje se reclama moderna e renovadora, para exprimir sensações mais puras e mais livres? Que transformação é essa que impõe o espirito moderno e as suas correntes victoriosas? Não são esses poetas, novos cantores da terra, das suas lendas, da sua gente, do seu dinamismo, das suas aspirações e das suas forças numerosas e activas? Não os ha exaltados e frementes, melancolicos e ingenuos, não ha mesmo os que renovam o indianismo, ansiando pela volta á selvageria, como a suprema expressão brasileira, que a cultura compromette e degrada? Onde a novidade e a diferença entre antigos e modernos, se nestes perdura o sentimento que animou seus antecessores? Onde está a poesia nova do Brasil?

Se quizesse responder a essas perguntas, de uma

só vez, creio que acertaria dizendo que os modernos trouxeram ao sentimento uma consciencia brasileira. Nelles, o lirismo não vem do esplendor ou da melancolia, mas da união profunda com o Brasil, da intimidade que adquiriram com as cousas, do sentido intenso das suas vozes e das suas ansias, da ideologia formadora de um espirito nacional, que se liberta de todos os entraves e se affirma decididamente. Nem o espanto inicial, com as formas do terror, nem a exaltação desordenada, nem o lamento persistente e torturado, nem a transubstanciação da terra na paizagem apenas. Haverá de tudo, mas orientado num sentido intelligente e criador. Porque a poesia moderna não é mais de pura sensibilidade, antes cerebral por excellencia. Ao invés do devaneio a intenção. Procura construir, espiritualmente, o Brasil e para isso o interpreta.

Não indagaremos das muitas correntes que porfiam no mesmo esforço, pois, na finalidade commum, explicaremos a sua razão de ser, que a inquietação moderna a todas justifica. O poeta do futuro nascerá das ansias que agora se multiplicam e aspiram a exprimir a essencia fundamental da terra. Poetas dinamicos ou sentimentaes, uns exaltados pelo progresso avassalador, outros humildes, preferindo a poesia simples da gente rustica, outros ainda, sob a inspiração de Oswald de Andrade, reclamando selvageria e anthropophagia, querem todos o segredo da realidade brasileira, que lhes foge subtilmente.

Se ha uma constancia de energia na poesia e na arte brasileira é a do sentimento nacional. O Brasil não cessa de affirmar a sua independencia, o que torna o seu nacionalismo aggressivo. A principio, na colonia, a revolta é contra um só adversario, Portugal, e a aggressão é o insulto, o achincalhe, a satira, ou a exaltação do indigena e do ambiente brasileiro por poetas de feitio classico lusitano, como Basilio da Gama e Santa Rita Durão. Com a independencia, veiu a vigilia constante contra uma imaginaria dominação estrangeira, que redobra as forças da sua permanente energia. Agora não é só a terra, mas o homem que se exalta, a sua construcção, o seu espirito de barbaria. a sua alegria nova, a "luz selvagem do dia americano" (1).

(1) A Sra. Eugenia Alvaro Moreyra, que deu a esta conferencia a collaboração admiravel de sua sensibilidade penetrante e modernista, declamando poemas da nova poesia brasileira, recitou *Advertencia*, de Ronald de Carvalho.

A grande transformação foi obra da intelligencia. A contemplação é rara, mas longa a analyse e a intenção, profunda a descoberta. O poeta novo procura as determinantes ostensivas ou obscuras do espirito nacional e se affirma pela acção. As descrições ardentes substituiu o schema, rapido e preciso. Um epigramma tem mais substancia do que longos poemas e o conceito não vem mais de um enunciado prolixo, aponta-se na suggestão apenas. Seria curiosa a analyse psychologica do processo, em que o subconsciente desperta aos menores choques para as associações suggeridas. Nesse particular, toda a arte moderna está animada por esse espirito geometrico, em que a imaginação se compraz apontando á intelligencia os elementos fundamentaes da construcção. Cada palavra vem carregada de suggestões e cheia de idéas que se desdobrariam longamente. Resultam dahi o simultaneismo, que permite essas impressões de conjunto, através da superposição de muitas coisas numa mesma emoção, e o synthesismo que agrupa as mais ousadas associações em torno de um nó central. Tomemos, por exemplo, um epigramma de Ronald de Carvalho, para citar uma das fórmias mais avassaladoras da poesia moderna brasileira. *Verão*. Ao invés da impressão vir de um quadro descritivo, é marcada através de alguns pormenores da natureza que, por elles, se constrói e integra no motivo: *folhas de metal, que brilham na claridade; brilhos e scintillações, aroma de resinas, crepitações, zumbidos, trilhos surdos*. E a nota psychologica (synthetismo) marca o ambiente — *torpor, monotonia, desalento, lassidão*. É uma poesia cerebral, de impressões simultaneas, cortadas e rapidas.

A renovação é espiritual. Está no tempo. Foi a guerra que modificou a sensibilidade e a civilização da machina, pratica e economica, habituou o homem moderno a disciplinar o espirito pela synthese. A intelligencia reclamou o poder de ordenar pela essencia. A arte, mais do que nunca, é uma suggestão objectiva, para que o subjectivismo multiplique a fantasia criadora. Mario de Andrade, para mostrar o mysterio da unidade brasileira, a tragedia da nossa vida de patria immensa que se procura mas se desconhece ainda, assim falou ao seringueiro distante:

“Fomos nós dois que botámos
Pra fora Pedro II...
Somos nós dois que devemos
Até os olhos da cara
Pra êsses banqueiros de Londres...
Trabalhar nós trabalhamos
Porém para comprar as perolas
Do pescocinho da moça
Do deputado Fulano.
Companheiro, dorme:
Porém nunca nos olhámos
Nem ouvimos e nem nunca

Nos ouviremos jamais...
Não sabemos nada um do outro,
Não nos veremos jamais!

Através de todos esses pormenores, que a poesia fixou, ha um sentido intenso e profundo, que vem da intenção espiritual, que é o fundo mesmo da arte moderna. O grande choque da innovação consiste na difficuldade de perceber desde logo. Os que estão habituados aos desenhos longos e aos quadros pittorescos se commoveriam se o poeta, em numerosos versos, descrevesse dramaticamente essa historia brasileira. Mas não sendo capazes da abstracção, não passarão do pormenor banal, que tomam como a essencia da poesia, assim tornada ridicula.

Se a emoção brasileira é a mesma que fez vibrar os antigos, apparece transformada, pela intelligencia e pela modernidade. Antes de tudo, a poesia nova desprezou o formalismo e a liberdade da metrica e do sentido estreito da grammatica lhe permittiu dominar a materia numerosa em que tem de modelar. Dir-se-á que os antigos, nas fórmias rigidas, criaram obras impereciveis. Mas é que, no seu tempo, a sensibilidade a ellas se adaptava sem constrangimento, quando não representavam innovações sobre os modelos passados. O alexandrino romantico já é uma conquista sobre o classico e para nós ambos são inuteis, como as expressões de hoje envelhecerão para os homens do futuro. Acreditar nas fórmias perpetuas é desconhecer o rythmo universal, que, variando, nos permite a illusão consoladora de modificar e de criar. Só o espirito ordena o mundo e elle não se póde limitar ás fórmias. Tambem não é o assumpto que determina a arte, pois persistiria o infecundo preconceito. É a emoção de cada tempo que a arte reflecte e não se escraviza, porque é ansia de liberdade. Por absurdo, justificariamos a palavra de Novalis, que a suprema poesia seria aquella que nem assumpto tivesse...

Vimos que o modernismo se differencia da poesia antiga pela intelligencia, que lhe dá maior liberdade. Os poetas modernos quebraram displicentes todas as fórmias, sorriem aos canones, desprezam o exemplo inactual e vêm com olhos proprios o espectáculo da vida. Persistindo a mesma constante lirica, transfiguram. Approximam-se das coisas, são simples e buscam a expressão directa da realidade, que a retorica sempre evitou, deformando-a em imagens retorcidas e comparações artificiaes. Vivem o real sem se transpôr a planos abstractos. O poeta de hoje fala nas coisas tal qual são, cidadão ou rustico, eloquente ou humilde. E essa realidade nasce da profunda impressão de poesia que sublima os motivos e os eleva á emoção humana, além das relatividades do tempo e do espaço, em que se constrói.

Duas são as grandes tendencias da nova poesia

brasileira. Ellas não estão, porém, afastadas e não raro se encontram na mesma emoção. Essas expressões são aliás as fórmulas permanentes da nossa poesia. O entusiasmo e a melancolia. Aquella continúa no fundo do espirito brasileiro e é uma constante do nosso temperamento. Esta afina-se nas cordas languidas da saudade, do amor infeliz, do desengano irremediavel. Aquella é *dynamica*, eloquente e vivaz. Esta, triste e nostálgica. Uma reclama a vida intensa e mecânica, a outra lança-se ás fontes da poesia popular, ao residuo perpetuo do nosso romantismo. Em tudo, um reflexo da inquietação brasileira. Da primeira feição, nenhum livro mais característico do que este grande poema que é *Toda a America*, de Ronald de Carvalho, symphonia de todas as vozes do mundo novo, agitação fecunda das suas energias dispaes e vibrantes, tumulto das forças criadoras que renovam o espirito humano, eloquencia dos seus rythmos numerosos que ordenam a civilização moderna. Ronald de Carvalho é o poeta do nosso entusiasmo e este livro um dos mais altos gritos do nosso lirismo. É certo que, tambem elle, nos *Epigrammas Ironicos e Sentimentaes*, que tanta influencia têm tido na nossa poesia, sobretudo nos seus processos de factura e no cerebralismo synthetista, justificando o conceito de Graça Aranha, quando o chamou "creador do novo lirismo", tambem elle se mostra por vezes cheio de melancolia, ainda que de fundo intellectual. É tambem Guilherme de Almeida poeta da nossa exaltação e *Raça*, o poema extraordinario da magia brasileira. Mas em Guilherme de Almeida, como em nenhum outro, a maravilha é do artista. Elle sabe tocar em tudo para transformar em motivos de belleza e joga côres, massas, sonoridades com mão agil e prodigiosa. É o poeta de todas as coisas, que dellas tira um mundo de suggestões. Preoccupalhe a alma sensorial, a essencia lirica que póde descobrir em todos os objectos para a transfiguração esthetica (2).

A poesia brasileira aproxima-se sobretudo da terra e se melancoliza. As impressões de interior, da gente pobre e miseravel, das coisas humildes e singelas, são ainda muito profundas. Tudo isso se reflecte no folk-lore e elle se tornou o seu grande inspirador. Lendas, superstições, fantasmagorias, toda a theoria do terror primitivo avassala ainda a alma do nosso interior. O encantamento assenhoreia-se da emoção poetica. As festas, os sambas, os batuques, os rythmos syncopados da sua musica se transportam para a poesia original e barbara que apparece, criando um pathos curioso. Sem se poder falar de regionalismo, ha um intenso localismo. Os poetas gauchos cantam pampas e vida livre. Os mineiros, seus lugares, suas terras calmas das montanhas, suas cidades velhinhas, seus rios meia-

pataca, suas fazendas e suas rezas. Os bahianos, a agitação da Bahia que se renova e seus lugares do interior tranquillo. Godofredo Filho fez um admiravel poema á Feira de Sant'Anna. Os de Alagoas e Pernambuco, particularmente Jorge de Lima e Ascenso Ferreira, se volvem ao mysterio primitivo das gentes. Os cearenses resurgem a poesia nordestina, cheia de sol e de perfume agreste, em que:

"Cabe todo o Ceará dos cangaceiros,
cabe o gemer de todas as violas..." (3)

Os paulistas são pela terra roxa, pela cidade estupenda envolta em neblinas, que Mario de Andrade e Ribeiro Couto cantam enternecidamente, pelo rythmo do progresso e da civilização intensa, pela maravilha do ambiente activo e energico, ao mesmo tempo que presentem o tumulto perturbador que resulta do entrecchoque de muitas gentes, muitas linguas, muitas vontades.

Tambem os cariocas criam uma poesia da nossa cidade. Ronald de Carvalho, Alvaro Moreyra, Manuel Bandeira, Felipe d'Oliveira, Murillo de Araujo. Curiosa a feição local da nova poesia, que caracteriza essa pesquisa do Brasil, como a sentir melhor a sua posse, chegar-se mais, incorporar-se a elle, auscultar intimamente no seu rythmo (4).

Poderá parecer extranho e contradictorio que a poesia moderna demonstre tanto apêgo ás fórmulas primitivas e volva ás suas emoções simples, ao invés de encaminhar-se toda para a corrente *dynamica* que canta a civilização, com alguns dos poetas referidos e Manuel de Abreu e Tasso da Silveira, libertos da tristeza. É que vacillamos entre esses dois modos de ser e ha um temor que o progresso nos tire a frescura da terra ingenua e moça. Dahi essa persistencia romantica, que se exaggera nos que se proclamam *anthropophagos*, para defender a pureza do estado selvagem, a que não podemos mais voltar e, portanto, se vae resumir num exercicio literario. Precisamos tomar o Brasil na sua realidade dispar e monstruosa, de paiz de contrastes e differenças fundamentaes, que aure de todas as fontes a energia vital, que transforma em actividade criadora. A melancolia está no fundo da alma brasileira. Não se vá discutir o problema da tristeza brasileira, essa duvidosa tristeza, de que não nos convenceu o livro admiravel de Paulo Prado. O que é certo é que a poesia popular é melancolica, como, aliás, quasi todas as poesias populares, e a arte em geral se inspira mais na tristeza do que na alegria. Aquella nos commove muito

(3) Da *Iniciação* de Rachel de Oliveira.

(4) A Sra. Eugenia Alvaro Moreyra recitou *Essa néga Fulô*, de Jorge de Lima, *Melancolia*, de Vargas Netto e *Scenario de louca e de crystal*, de Felipe d'Oliveira.

(2) A Sra. Eugenia Alvaro Moreyra recitou *Missa negra*, de Guilherme de Almeida.

mais profundamente e a vida se transfigura sobretudo pelo lado pathético. Schopenhauer disse: "Só a dôr é positiva, o prazer negativo."

Dessa nossa poesia melancólica, que Manuel Bandeira é a influencia mais considerável, por nos ter dado os motivos mais dolorosos numa simplicidade muito brasileira, que lembra, com maior intensidade subjectiva está claro, Casemiro de Abreu, por ter fixado esse fundo recalcado da nossa alma em formação num meio exuberante, dessa nossa poesia de nostalgia está cheio o Brasil inteiro. Poesia sincera e íntima, sem literatura, que procura a ingenuidade das coisas e o desengano do seu atropelo, o eterno mal da vida, o sabor amargo de todos os frutos. Alvaro Moreyra, por um toque de humor, a torna inquieta, dá-lhe o travo da intelligencia, quando em geral é resignada e abatida. Conforma-se com a dôr, alegra-se em soffrê-la, como faz Augusto Frederico Schmidt (5).

Não se negará a pureza dos motivos primitivos para a arte. Transplantados para um quadro superior têm todas as suggestões da vida. Mas limitar a poesia a determinados quadros, situar o Brasil em meia duzia de ambientes de roça e interior, satisfazer-se com a magia popular e abandonar as feições intensas do momento de civilização mecânica, olhar as coisas sem sentir nellas tudo que o nosso dominio lhes extrae, ver uma cachoeira como uma paisagem apenas e não pensar nas possibilidades de força, luz e movimento que brotam do seu jorro, não penetrar no supremo encantamento da velocidade que condensa o mundo, tudo isso é uma limitação, em que não devemos persistir. Toda essa sensibilidade que se contenta com o interior e seus aspectos pittorescos é ainda um residuo passadista que nos cumpre vencer. Vem talvez do excesso de nacionalismo, que obriga a concentração, para repellir o que vem de fóra e estratificar o que havemos das origens. Mas esse preconceito absorvente é um perigoso embaraço. O Brasil tem por funcção fundir as forças do seu temperamento ao universalismo, para criar obra de cultura. A poesia brasileira não perderá o seu character, tornando-se universal.

Bem sei que o primeiro beneficio desse retraimento foi libertar a nossa poesia das influencias estrangeiras, que sempre pesaram sobre os poetas nacionaes, fazendo-os reflexos, embora com vigor e espontaneidade, de sensibilidades estrangeiras, variando aqui os motivos. Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias ou Castro Alves, Alvares de Azevedo ou Olavo Bilac são todos representativos de outras poesias. Ao passo que os poetas novos do Brasil, se a principio ainda se ligavam aos da scorrentes de vanguarda de outros paizes, se libertaram pela força intrínseca do nosso espirito, fatigado

(5) A Sra. Eugenia Alvaro Moreyra recitou *A mangueira e o sabiá*, de Alvaro Moreyra.

das correntes de vanguarda de outros paizes, se livre. Para isso não foi preciso fazer uma poesia rudimentar e primitiva. Portanto, a conquista não nos deve levar agora ao excesso que degenerará em preconceito. A nossa poesia dominará livremente a materia universal.

Nada de mais delicioso do que a conquista sobre a lingua portugueza, para o que não é preciso tambem chegar ao extremo de criar uma expressão voluntariamente errada e cheia de modismos. Acompanhemos a evolução da lingua na bocca do povo, que se forma, e lhe dá um sabor de constante novidade. Assim como ninguém mais pensa no motivo nobre, pois a arte transfigura todas as coisas, acabemos tambem com o preconceito da lingua escrita, para mumificar o pensamento e a sensibilidade. Foi essa uma das mais bellas affirmações do modernismo, escrever na lingua brasileira, sem as horriveis deformações do classicismo lusitano, que até agora perdurou aqui, fermentando essa retorica vasia e palavrosa, essa poesia secca e detestavel, que não é poesia porque não tem vida. Ouçamos, nessa simplicidade modernista, um magnifico poeta joven, Henrique de Resende (6).

A poesia ganha um singular prestigio e, felizmente, o soneto morreu... Ninguém mais ousa perpetrar-o, mesmo porque é impossivel vencer o ridiculo. A replica que os ha maravilhosos é ingenua, porque tambem foram maravilhosas as galeras antigas e ninguém hoje vae estabelecer uma companhia de navegação em galeras... No emtanto, antes da reacção modernista, andavamos por aqui nas galeras de Cleopatra... De 1922 para cá foram todas torpedeadas. Se ainda pôde haver, e por certo que ha, muito de que se libertar a poesia brasileira, não será dos preconceitos de fórmulas. Essa libertação integral virá como fruto do esforço magnifico dos poetas de hoje, procurando através de todas as forças do espirito brasileiro as expressões definitivas da sua essencia. Com ellas se criará esse rythmo novo, que está nos poetas modernos, mas continúa uma perpetua aspiração.

Não posso acompanhar o parecer sempre agudo de Tristão de Athayde, uma das nossas novas forças renovadoras mais efficientes, quando vê nessa agitação, que vae por todo o Brasil, um movimento intencional, a que nega valor. Muito ao contrario, essa singular identidade de espirito renovador, através de excessos absurdos, monstruosidades — se quiserem — a mim se me afigura como a demonstração de que varia a nossa sensibilidade, torna-se brasileira exclusivamente e procura uma expressão livre. Replicam outros que os poetas mais jovens continuam nas estradas que abriram Ronald de Carvalho, Mario de Andrade, Guilherme

(6) A Sra. Eugenia Alvaro Moreyra recitou *Senzalá*, de Henrique de Resende.

MOMENTO

*Ninguém ignora a inquietação do clima paulistano
Pois tivemos hoje uma arraiada fresca de neblina.*

*Depois do calorão duma noite maldita, sem sono,
Uma neblina leviana desprende das nuvens lisas
E pousou um momentinho sobre o corpo da cidade.
Oh como era boa e o carinho que teve pousando!
Não espantou, não bateu asa, não fez nenhuma bulha,
Veio que nem beijo de minha mãe si estou enfezado
Vem mansinho, sem medo de mim e pousa em minha testa.
Assim neblina fez e o sôpro dela acalmou as penas
Desta cidade historica, desta cidade completa,
Cheia de passado e presente, berço nobre em que nasci.*

*Os beijos de minha mãe são tal-e-qual a neblina madrugada...
Meu pensamento é tal-e-qual São Paulo, é historico e completo,
É presente e passado e dele nasce meu ser verdadeiro... \.*

Vem, neblina, vem! Beija-me, sossega-me o meu pensamento!

MARIO DE ANDRADE.

de Almeida, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade e os outros chefes da vanguarda. Pouco importa. Era natural que uma modificação tão profunda viesse criar grandes influencias e ai do movimento se não se produzisse por tal fórmula! Dessa intensa vibração é que se formarão as grandes personalidades, que não podem aparecer ao acaso, mas são precedidas de longas formações. Toda a poesia nova do Brasil, dos de menos de 25 annos, nasce do modernismo e o que parece intenção é o imperativo do tempo, que assim modela a sensibilidade.

Já não é só a maravilha da terra que nos arrebatava. Hoje o mysterio do homem é a suprema indagação. Volveram-se a elle os poetas tambem e a poesia nova, por esse aspecto, se torna subjectiva. O homem não é mais uma força da natureza, como as arvores, ou os animaes. É o ordenador. Sem elle, tudo é inutil paisagem e é preciso conhecê-lo para sentir o ambiente, entender as suas vozes, interpretal-o. O mysterio brasileiro é o da adaptação do homem á terra, desse homem, em cujas veias cada dia se sommam mais sangues, em cujo espirito se vão debatendo as mais diversas tendencias, e cuja formação deve ser o equilibrio de multiplas forças imponderaveis ainda. O seu segredo não será decifrado pela intelligencia apenas, mas se revelará á sensibilidade. E essa indagação domina os poetas de hoje, que procuram o Brasil, dentro do seu

problema fundamental. Esse poeta que nos fala do roceiro, aquelle que exalta o homem da cidade, o operario, o mecanico, o industrial, um outro que penetra na humanidade primitiva e recolhe as suas vozes e balbucios, indagam todos o sentido da mesma realidade.

Ha um canto de futuro na poesia nova do Brasil. Quando o grande Graça Aranha affirmou que "ser brasileiro é ver tudo, sentir tudo como brasileiro, seja a nossa vida, seja a civilização estrangeira, seja o presente, seja o passado", disse a synthese de toda a tendencia modernista de activo nacionalismo. Não era uma escola artificial que se criava, não era uma orientação que se fixava, nem mesmo uma tendencia que se abria. Valiam todas as tendencias, todas as orientações, talvez todas as escolas, desde que permanecessem fieis ao espirito criador. Tanto assim foi, que, variaram as feições modernistas, não para prejudicar o movimento, senão para tornal-o mais vivo, desdobral-o, pois cada qual procura realizar mais livre e mais decisivamente a acção brasileira. Esse modo de sentir, num paiz joven e immenso, não poderia ser uniforme e o que parece a muitos confusão é o signal mais seguro de um espirito constructor que reformou a sensibilidade brasileira e aspira á libertação integral. Essa talvez se consiga um dia. Ou talvez nunca. Será melhor assim, o lirismo brasileiro se moverá sempre no rythmo da aspiração.

A Liga das Nações e o Problema da Paz

HILDEBRANDO ACCIOLY.

A terrível catastrophe que enluctou o mundo, de 1914 a 1918, e cujos desastrosos efeitos ainda perduram, fez nascer, por toda parte, um anseio de paz, um desejo de se evitar a guerra, tão intensos como jámais se vira.

A Liga das Nações, organismo surgido daquela grande conflagração, teve por fim precipuo, precisamente, manter a paz. E no Pacto, que é a sua lei organica, se acham indicadas certas medidas, destinadas á obtenção de tal objectivo.

Abrangem, taes medidas, as tres categorias seguintes: a) limitação de armamentos; b) assistencia ou garantia mutua contra as aggressões; c) solução pacifica das controversias.

O principio da assistencia mutua recolheu, em certa época, as maiores atenções da Liga e foi considerado como o melhor caminho, para se chegar ao fim collimado. Nesse sentido, chegou a ser elaborado um projecto de tratado colectivo, bem depressa abandonado e substituido pela idéa mais larga de um amplo tratado geral de arbitragem e conciliação.

Essa nova tentativa, que teve a sua expressão no famoso Protocollo de Genebra, de 1924, não foi mais feliz do que a primeira. O Imperio britannico oppoz-se fortemente á realização de um tratado colectivo naquelles termos, e essa opposição foi decisiva.

Julgou-se, então, preferivel o systema de pactos regionaes. Dahi, os tratados de Locarno, que tanta repercussão tiveram no mundo.

Entrementes, o organismo de Genebra procurava realizar, noutro sentido, os propositos que lhe indica o seu estatuto fundamental. Fazia-o, estudando acuradamente o problema da redução e limitação dos armamentos.

Segundo o artigo 8.º do Pacto, "os membros da Liga reconhecem que a manutenção da paz exige a redução dos armamentos nacionaes ao minimo compativel com a segurança nacional e com a execução das obrigações internacionaes, por acção commum". Ao Conselho incumbe, então, preparar os planos dessa redução, sem esquecer a situação geographica e as condições especificas de cada Estado.

Como se vê, o problema é bastante complicado.

Desde alguns annos, vem a Liga cuidando desse assumpto, sem haver chegado, até hoje, a nenhum resultado pratico.

Ao principio, encarou-se o problema sob o aspecto exclusivamente technico e militar. Foi a época em que se julgou possivel a sua solução por meio da Comissão permanente consultiva para o estudo das questões militares, navaes e aereas, criada em Maio de 1920, em virtude do artigo 9.º do Pacto, e composta de officiaes de terra e mar.

Verificou-se, logo depois, que o assumpto apresentava, tambem, aspectos não militares. Criou-se, então, uma Comissão mixta, na qual figuravam alguns membros da primeira, ao lado de politicos e economistas. Os seus resultados não corresponderam á expectativa, e a nova comissão desapareceu.

Em 1926, o Conselho da Liga convocou outra comissão, confiando-lhe a tarefa de preparar uma grande conferencia internacional, para a limitação e redução dos armamentos.

Há tres annos, vem se reunindo periodicamente essa *comissão preparatoria*, sem que, até agora, tenha julgado sufficiente o trabalho realizado, para se convocar a conferencia. É que, no seio da propria comissão, têm surgido pontos de vista tão divergentes, que se pode ter, de antemão, a certeza de que, por emquanto, nenhum exito poderia resultar da projectada conferencia.

Na impossibilidade em que se acha de conseguir resultados positivos, em materia de redução de armamentos, a Liga já pensou em enveredar por outro caminho. A proprio comissão preparatoria acima referida passou, em 1927, por iniciativa da 8.ª Assembléa, a ter, entre os seus órgãos auxiliares, um *comité*, incumbido do estudo das questões de arbitragem e segurança.

Na esphera desta e daquella, esperou a Liga, não sem alguma razão, realizar progressos apreciaveis.

Parece, realmente, que a redução dos armamentos será, antes, consequencia do que causa do estabelecimento de um regimen de paz e de segurança, entre os povos.

Mais ou menos neste sentido, manifestaram-se, ainda na penultima reunião da comissão preparatoria da conferencia do desarmamento, varios delegados á mesma comissão.

Assim, por exemplo, o Sr. Gibson, dos Estados Unidos da America, disse: "A confiança na solução pacifica dos conflictos reduziria automaticamente os ar-

mamentos. A reciproca, comtudo, não é verdadeira”.

O Sr. Hennings, da Suecia, declarou: “Os armamentos não são o unico perigo que ameaça a paz; ainda num universo completamente desarmado, graves conflictos poderiam surgir, e surgiriam certamente. As nações não se desarmariam sem estar seguras de que os conflictos internacionaes seriam submettidos a um tribunal imparcial, cuja sentença fôsse escrupulosamente observada”.

O Sr. Sato, do Japão, affirmou: “O desarmamento é uma questão subjectiva; o simples facto de um paiz se desembaraçar de suas armas, em vez de criar um sentimento de segurança poderia até chegar a produzir o effeito contrário”.

Por outro lado, como assignalou o General de Marinis, da Italia, o desarmamento não resolveria o problema da paz e da segurança, porque certos paizes, em razão de sua riqueza, de sua organização industrial e de sua população, poderiam reconstituir seus armamentos mais rapidamente do que outros e, por conseguinte, ameaçar a segurança dos ultimos.

Não se pôde dizer que não tenham sido auspiciosos os resultados do *comité* de arbitragem e segurança. Os seus trabalhos consubstanciaram-se em alguns textos, adoptados pela 9.^a Assembléa e constantes: 1.^o) de um *Acto geral* para a solução pacifica dos litigios, no qual foram englobados os projectos de tratados geraes elaborados pelo *comité* e relativos á arbitragem, solução judiciaria e conciliação; 2.^o) de modelos de tratados collectivos de assistencia e de não-agressão, bem como de tratados bilateraes de conciliação, arbitragem, solução judiciaria e não-agressão. O *Acto geral* foi aberto á assignatura de todos os Estados membros da Liga e de alguns, como o Brasil, que a ella não pertencem. Os modelos de tratados foram fornecidos aos paizes de boa vontade, que, dos mesmos, se queiram aproveitar.

Esse *Acto geral* tem o defeito de ser um tratado collectivo. Em tal materia, os actos collectivos difficilmente recolhem ratificações: o exemplo do Protocollo de Genebra é expressivo.

O facto é que a arbitragem constitue acto de confiança e não se pode exigir que uma nação tenha em muitas a confiança que deposita numa ou noutra, ou em varias dellas. Pensamos, por isto, que a arbitragem caminhará mais depressa, por mais paradoxal que isto pareça, por meio de tratados bilateraes do que por um acto collectivo.

Bastarão, entretanto, alguns modelos de tratados simples de arbitragem e conciliação ou a abertura de um tratado geral á assignatura de todas as potencias para que o problema da paz tenha dado um passo decisivo no caminho da sua solução? Ninguem terá a ingenuidade de o suppôr. Não resta duvida, porém, de que, na engrenagem mundial de interesses multiplos

divergentes, a segurança é elemento indispensavel da paz; e o desarmamento so por si não produzira o amejado resultado, se, concomitantemente, não existir a confiança mutua. Ora, só a arbitragem e os demais metodos de solução pacifica dos litigios podem fornecer uma base solida para tal confiança.

Qual a dificuldade essencial, entretanto, para a acceptação da arbitragem obrigatoria e generalizada? “O verdadeiro obstaculo” — disseram os illustres internacionalistas Srs. E. Borel e N. Politis, em relatório apresentado não faz muito ao Instituto de direito internacional — “o verdadeiro obstaculo reside muito menos no direito do que na mentalidade dos Governos, em sua repugnancia em abandonar o terreno da soberania intangivel do Estado e em aceitar o principio da solução judiciaria dos litigios internacionaes com as incertezas e os riscos que a sua applicação comporta”.

* * *

Com a adopção dos resultados do seu *comité* de arbitragem e segurança, a Liga não deu por tinda a sua tarefa. E voltou novamente as suas vistas para a questão que, seguramente, mais impressiona a attenção de todos os povos, no momento actual, isto é, a questão dos armamentos.

De Abril a Maio do corrente anno, esteve reunida em Genebra, pela sexta vez, a commissão preparatoria da conferencia do desarmamento. Para não haver equívocos, convem esclarecer que, apesar do titulo, a projectada conferencia, segundo foi resolvido há muito tempo, não terá em vista, propriamente, o *desarmamento*, mas apenas — o que já será muito — a *redução e a limitação dos armamentos*.

O trabalho realizado nessa reunião deu lugar ás mais fundadas esperanças. Graças á boa vontade do Governo americano, revelada nas instrucções de que foi portador o seu delegado naquella commissão, tornou-se possivel o accôrdo da grande maioria da mesma sobre certos pontos de importancia capital.

Um desses pontos dizia respeito aos armamentos navaes. A defesa dos Estados Unidos, disse o Sr. Gibson, delegado americano, constitue essencialmente um problema naval. Apesar disto, o seu Governo estava disposto a facilitar um accôrdo geral, a tal respeito. Assim é que, embora acreditasse que o methodo mais pratico, com relação á redução dos referidos armamentos, fôsse a limitação da tonelagem por categorias, consagrado, aliás, no tratado de Washington, — o Governo americano acceptaria, como base de discussão, uma proposta francesa, que procurava combinar o methodo da limitação da tonelagem global com o da limitação da tonelagem por categorias.

A declaração americana, nesse sentido, causou tal effeito que o delegado britannico, Lord Cushendun, im-

mediatamente se levantou para affirmar que ella fôra tão importante e teria tal alcance, no tocante a todas as questões navaes, que attingiria profundamente todo o trabalho da commissão.

Outro ponto importante, para a solução do qual a boa vontade americana trouxe valioso auxilio, foi o das reservas instruidas. A delegação franceza, por motivos facilmente comprehensíveis, sempre sustentara que a salvaguarda dos principios vitaes sobre que se baseava a defesa nacional não permittia ao Governo francês concordar em que as reservas instruidas fôssem incluídas no systema de limitações a ser estabelecido. Sustentavam pontos de vista analogos, as delegações italiana e japonesa. Outra tinha sido, desde o começo, a attitude da delegação americana. Na reunião a que nos referimos, porém, o Sr. Gibson fez a sensacional declaração de que o Governo americano, preocupado com a necessidade de se accordar num texto commum, estava "disposto a adherir á opinião da maioria dos países cujo principal interesse militar reside nas forças terrestres e a acceitar a sua these, em materia de reservas instruidas"

Essa declaração impressionou tão fortemente que varias delegações, intransigentes nessa questão de effectivos e oppostas até á exclusão da limitação das reservas instruidas, immediatamente se mostraram dispostas a fazer concessões, no mesmo sentido. A delegação inglesa, que estava nesse caso, foi adiante. Com effeito, Lord Cushendun não hesitou em affirmar que, depois de maduras reflexões, chegara á conclusão de que "a interdicção das reservas instruidas é um systema que se não pode combinar com o da conscripção".

Na questão da limitação do material de guerra, a intervenção americana tambem foi auspiciosa. Havia duas theses em presença: uma, previa a limitação directa do material pela fixação do maximo do numero de peças de cada categoria; a outra, previa a limitação indirecta, pela fixação do maximo das despesas consagradas á manutenção, compra e fabricação do material.

A delegação americana propôs, como medida de conciliação, um terceiro methodo, que obteve assentimento quase unanime e segundo o qual a limitação e redução do material de guerra deverão basear-se num systema de ampla publicidade das despesas.

Parecia que a commissão preparatoria dera um grande passo á frente, na organização dessa conferencia, em que já muita gente descrê. Infelizmente, aquelles resultados não foram definitivos. A prova aca-

bamos de tê-la, na recente reunião da Assemblêa da Liga das Nações. Por iniciativa de Lord Cecil, delegado britannico, foi reposta em discussão uma das questões sobre a qual mais difficil fôra o accôrdo no seio da commissão preparatoria. Referimo-nos á das reservas instruidas. O representante da Grã-Bretanha destez o compromisso assumido poucos mezes antes por outro representante britannico. É verdade que, agora, Lord Cecil falou em nome do Governo trabalhista, ao passo que Lord Cushendun era delegado de um Governo conservador. Nem por isto deixou de ser accentuada a contradicção de attitudes entre dois representantes, igualmente autorizados, de um grande país.

Tem-se a impressão, mais uma vez, de que a solução do problema da paz muito longe estará, se fôr procurada apenas nas conferencias de limitação e redução de armamentos.

A conferencia naval de Washington, em 1921-1922, chegou a resultados que se poderão talvez considerar excellentes, do ponto de vista orçamentario das nações que nella participaram. Não garantiu, porém, essas nações contra a eventualidade de uma guerra.

O novo accôrdo naval que dizem em vespéras de realização, encabeçado pela Inglaterra e os Estados Unidos, poderá ter effectos identicos aos daquela conferencia.

O problema, porém, é muito mais complexo. E, no mundo, já se vai impondo a convicção de que a sua solução depende muito mais das forças moraes do que das simples tentativas technicas de redução dos armamentos.

Na propria sessão da commissão preparatoria a que nos referimos, o delegado americano disse, com muita sensatez, estas palavras: "O meu Governo nunca acreditou que se pudesse abordar utilmente o problema do desarmamento, recorrendo-se apenas aos methodos de redução dos armamentos. Elle considera que o desarmamento verdadeiro está subordinado a uma mudança de attitude, no que toca ao emprego da força na solução das controversias internacionaes".

Esse, realmente, o pensamento que deve guiar os povos, nas suas aspirações pacifistas. Todas as nossas esperanças se voltam para a victoria de uma nova mentalidade, que considere odiosas as guerras e torne desnecessario o recurso a esse meio extremo, pela organização de um systema efficaz de justiça internacional.



STRESEMANN

TEIXEIRA SOARES.

Todo aquelle que estudar com certa persistencia os programmas dos estauistas que serviram a Guilherme II ficará impressionado com notar que quasi todos falharam nos seus planos. Holstein, Eulenburg, Bülow, Kiderlen-Wächten e Bethmann-Holwegg, chancelleres do soberano, por influencia deste, seguiram uma politica sinuosa, cheia de becões-sem-sahida scenicos, ouriçada de ameaças incriveis, e que deram muito dôr de cabeça á velha Europa de 1900 a 1914.

A Guerra. O Tratado de Versalhes. Do chaos, surge uma nova ordem de coisas. A Europa, retalhada em puzzle, refaz-se e procura reintegrar-se na sua missão politica, social e intellectual. Aparecem essas figuras culminantes: Lenine, Trotzky, Staline, Stresemann, Briand e Mussolini. Figuras que dinamizam povos, incentivam energias, intudem a confiança no que antes era confusão, desanimo e exgotamento.

Stresemann foi um desses consolidadores da paz continental. Aparece como figura de relevo, com idéas precisas, procurando attingir fins precisos. Um homem pratico, desprovido de ideologias. Um homem vendo os factos com a precisão de um economista.

Stresemann, desde os primeiros tempos da sua vida politica, acompanhou o phenomeno economico-demographico, em toda a sua curva graphia. Bateu-se pelo augmento da agricultura, pela expansão do commercio e pela participação de todos na riqueza nacional, sob todas as suas fórmulas. Foi em 1906 que começou a sua vida politica. Em 1907, com 29 annos de idade, Stresemann tomou assento no Reichstag.

Iniciada a Guerra, Stresemann verificou que o momento era de attitudes decisivas. Tal foi a sua acção no Reichstag que aos olhos de muitos o seu nome foi o de um agitador. Orador claro e preciso, gostando de conclusões praticas, procurando proporcionar ás massas factos concretos, cheio de temperamento, elle se impoz pelo methodo, pela exposição e pela belleza literaria das suas orações. No famoso discurso que pronunciou em Aussich, em Dezembro de 1914, Stresemann fez ver que os fitos da França consistiam na reconquista da Alsacia-Lorena; os da Russia, no pan-slavismo, incentivado por idéas francezas e por capitaes francezes; e fez ver mais que o povo allemão não devia guardar rancor nem com a França nem com a Russia. O rancor devia concentrar-se sobre a Inglaterra, ciosa e invejosa do desenvolvimento allemão, que, a partir de 1887, já havia declarado guerra mercantil ao Reich com o seu famoso *made in Germany* e que, em 1907, com a sua Lei de Patentes, causara grande irritação em toda a Alemanha. *Germaniam esse delendam!*

Durante os dias sombrios da Guerra, Stresemann percebeu que o vencedor seria aquelle que resistisse um quarto de hora mais. Verificada a derrota, comprehendeu que novos planos e novas ideas deveriam ser postos em pratica.

Stresemann nunca poudo comprehender torças perdidas no *mare magnum* da politica da sua patria. Urgia reconstruir. Urgia trabalhar. E deu provas de bom senso e de energia no espinhoso cargo de Chancelier imperial (Ministro da Justiça, mais ou menos), em 1923. Em 1923, a Alemanha se encontrava mais proxima do comunismo do que em 1918, 19 e 20. O Ruhr estava occupado. A moeda canua. Por todo o Reich, intensa fermentação politica. A inquietação em toda a Europa. Dissensões tortes entre Curzon e Poincaré. É nesse momento critico que apparecem os esforços conciliatorios de Stresemann, Owen Young, Houghton, D'Abernoon, Briand, Dawes e Chamberlain.

Um dos pensamentos favoritos a Stresemann e o seguinte: "Na politica o que, no final das contas, vale não é o talento, mas o caracter". Frizemos: *character*. A sua conducta como Ministro dos estrangeiros do Reich mostrou o seu caracter. Fazendo suas as paravras de Bismarck, houve um momento em que Stresemann bem poderia ter dito: "Não ha na Europa, entre o Sena e o Memel, entre o Tibre e o Elba, homem que seja tão odiado quanto eu". Choveram as mais tremendas accusções contra a sua politica de *conciliação*. Na Alemanha, *conciliação*, segundo os hitleristas e os nacionalistas, era synonymo de traição, etc. Ratnenau e Erzerberger, querendo ser conciliadores, foram assassinados. Stresemann foi ameaçado de morte varias vezes. Um ex-membro da Duma russa, Freiherr von Freytagh-Lorringhoven, conhecido como o "campeão da raça germanica", declarou que a politica de *conciliação* que Stresemann procurava seguir baseava-se nos interesses que seu sogro tinha nas fabricas da Tcheco-Slovakia, orientadas e dirigidas por capitaes francezes.

Locarno foi o ponto culminante da sua carreira. O tratado Stresemann-Kretinski, com a Russia, manteve a paz e o intercambio commercial na Europa oriental. Em 1926, apesar das pretensões sustentadas por outros paizes, a Alemanha entrava para a Liga.

Em traços rapidos, essa a carreira daquelle que, com Briand e Chamberlain, recebeu o premio Nobel da Paz. Stresemann teve, como nenhum outro politico allemão, o senso da oportunidade. Por isso, conseguiu victorias impressionantes. Essas victorias ainda se tornaram mais bellas, quando arrancadas pela força, pela tenacidade e pela inteireza do seu caracter.

O CASAMENTO NA AMERICA

O. B. DO COUTO E SILVA.

(Continuação)

O JUIZ LINDSEY

Novas experiencias de casamento

Quem chega aos E. U. impressiona-se com o estardalhaço em torno dos chamados "trial marriage" e "companionate marriage".

"Trial marriages", casamentos de experiencia, são termos, simplesmente, uzados pela vanguarda da mocidade revoltada, na realidade não sendo casamento nenhum.

Para elles, o casamento não é nem sagrado nem apavorante. Alguma cousa sem consequencias, que se experimenta como um chapéu, por exemplo.

O "companionate marriage" — que se costuma traduzir "casamento por contracto", (expressão que não traduz a mesma idéa) vem muita vez associado com o nome do Juiz Lindsey. Os seus adversarios costumam intencionalmente confundir "trial marriage" e "companionate marriage", mas Lindsey invariavelmente protesta.

O casamento por contracto obriga por 2 annos; caso não haja filhos (como é aconselhado) no fim do prazo, si uma ou ambas as partes desejarem, ha automaticamente separação. Si houver filhos ou prorrogação do prazo, o casal obriga-se a divorcio regular.

É o que elle escreve no seu segundo livro "The Companionate marriage" que se segue á "Revolta da Mocidade" e é igualmente grande, massudo e impressionante pela massa de factos. Eu tive oportunidade de ouvir o Juiz Lindsey. Elle trata da causa dos moços com candura e sympathia: por isso o auditorio era só de casaes jovens. Elle convence a gente de seu designio superior, e friza sempre que taes "casamentos preliminares" conduzirão muita vez a "casamentos familiares", com purificação do systema social.

O 1.º ponto a provar seria a vantagem de um casamento precoce. Além de outros.

Mas sahi com a impressão que o problema não pôde ser resolvido tomando-se simplesmente o lado legal.

E o plano de Lindsey pecca justamente por ser em extremo simplista. É sem duvida um "movimento de longo alcance para a correcção do laço matrimonial", como disse Wells. Porque o problema é corajosamente encarado de frente. Bertrand Russel, mathematico e philosopho, bateu palmas tambem, e muitos outros.

Parece-me que em breve valerá apenas como documento photographico da época.

Fannie Hurst, conhecida escriptora, appella para sua experiencia pessoal para gritar histericamente que se tem dado bem com o seu casamento por contracto. Eu só conheci um caso na Universidade. Mas depois todo o mundo disse que elle não estava casado de todo.

Na literatura, o casamento por contracto figura com livros mediocres, como "Garden Oats", de Faith Baldwin.

Em breve estará em passado remoto...

KEYSERLING E O CASAMENTO

Quem é o conde Hermann Keyserling? Que é o movimento de Darmstadt? Que é a *Escola de Sabedoria*? Keyserling encontra-se na Argentina e a sua revelação ao Brasil está por dias. Mas, no momento presente eu creio que muito poucas pessoas poderiam responder ás perguntas formuladas.

O conde Keyserling é um aristocrata de boa fibra, nascido pelas bordas do Baltico, onde a Russia encontra a Allemanha. Philosopho e humanista, é um dos homens mais discutidos no mundo. "Talvez venha a ser o João Baptista de uma nova Civilização Occidental" disse Gleen Franck no "Century", com evidente exaggero.

O conde Keyserling, depois de emprehender uma longa viagem ao Occidente, pondo-se em contacto com as velhas civilizações da China, da India e do Japão, escreveu o celebre "Diario de Viagem de um Philosopho", que é talvez o livro melhor que veiu da Allemanha depois da guerra. E estabeleceu então em Darmstadt a Escola de Sabedoria, que irradia no mundo moderno como a Academia de Platão irradiou de Athenas.

Mas o que pretende o movimento de Darmstadt? Simplemente isso: dar uma nova significação á vida. É seu motto. "Tire do nada, dar a cada um alguma cousa". "O nome "Escola de Sabedoria", diz elle, foi escolhido justamente pelo paradoxo que encerra: não é uma escola como as outras e sabedoria essencialmente não é para ser ensinada. É uma escola apezar de tudo, mas os seus processos é que são especiaes. Um é a entrevista pessoal. "Uma conversa pessoal — diz Keyserling — com a justa pessoa, em justa relação, no momento justo tem feito mais para acelerar os conhecimentos humanos, do que annos de estudo diligente."

Outro methodo é o treino espirital. Outro methodo são os Congressos da "Sociedade Philosophica Livre em Darmstadt", de que Keyserling é presidente, que cada anno se occupa de questões especiaes: assim, em 1923 procurou-se delinear o possivel futuro do Christianismo, em que cooperaram juntos o Protestante, o Orthodoxo Grego e o Catholico Romano; em 1924, dos problemas da vida e da morte; em 1925, da "nova significação da idéa de liberdade, etc. Bem; o conde Keyserling escreveu o livro sobre o "Casamento", em que collaboraram 24 pessoas differentes, de differentes terras, e que se chama p. ex. Rabindravah Tagore, Jokob Wassermann, Havelock Ellis, Thomas Mann, etc... O successo desse livro foi enorme, colossal. Eu tive o privilegio de ouvi-lo sobre o assumpto em "Orchestra Hall", em Chicago, em conferencias patrocinadas pela melhor e mais fina sociedade, e que constituem o "Chicago Forum Council".

O conde Keyserling conduz a questão do casamento como conduz os congressos de Darmstadt: influido com sua vigorosissima personalidade, segundo a arte de orchastração espirital — a expressão é delle.

Cada individuo fala num conjuncto, como um instrumento numa orchestra, para formar um todo harmonioso.

Elle acceita dous factos e reputa-os indispensaveis para a sua noção de um casamento dignificado: a liberdade actual de rapazes e moças e o "birth control". São aliás factos da época e universaes.

O "birth control" é dominante no actual mundo super-populado em que vivemos, a ponto do Japão estar pensando adoptal-o como medida official indispensavel.

Keyserling rejubila-se com a emancipação da mulher.

Tantas consequencias que lhe advieram e são julgadas por muitos como dissolução moral elle as recebe com um sorriso feliz: são a plataforma, diz elle, em que se vae erigir um casamento elevado e nobre. Não se deve casar por paixão. Em geral, as pessoas porque nos apaixonamos não são as melhores para casamentos. Paixão não póde ser motivo para casamento. Casamento a frio, de razão exclusivamente.

A condessa Sternberg discorda nesse ponto: o casamento se desenvolveria melhor á sombra da afeição.

Esse casamento visa um alto desenvolvimento pessoal — aqui é que está a originalidade de Keyserling. Elle quer frizar tanto esse ponto que exclue completamente os filhos. Diminue o aspecto institucional do casamento, libertando os aspectos pessoases.

Parece que á primeira vista o casamento ficaria facil, confortavel. É um erro. O casamento para Keyserling é dramático, quasi tragico, difficil, doloroso.

O moderno desenvolvimento da personalidade, longe de semear rosas no caminho do matrimonio, eriça-o de escolhos a vencer.

A disciplina era imposta por fóra; aqui é por dentro. Envolve arte. Envolve capacidade e responsabilidade.

Considera indispensavel e necessaria uma união permanente. Mesmo sem filhos, elle a acha indispensavel, considerando apenas os factos da personalidade.

Em ligações transitorias nenhum poderá conhecer bem as possibilidades do outro. Um D. Juan não tem alvo em mira. Elle simplesmente passa.

Keyserling pinta asperezas rudes: "além da felicidade, o homem realiza maior felicidade, que encerra soffrimentos e qualifica seus instinctos mais profundos."

Um estado de tensão; ahí é que reside o seu valor.

Keyserling exaggera esse character penoso, arduo, heroico: é realmente um aspecto necessario de vida, mas com certeza não a representa totalmente.

O QUE SE PODE TIRAR PARA UM NOVO PADRÃO DE CASAMENTO PARA O BRASIL

Nós passamos os olhos por alguns "sketches".

Vamos agora fixar alguma cousa. Pôr em evidencia alguns factos, os "cold and clammy facts", como os chama o Snr. Mencken, porque só elles é que importam.

Eu vou passar por sobre o divorcio. Já disse que o reputo indispensavel. É a valvula de segurança por onde passa o vapor quando ha excesso de pressão.

É classica a comparação do casamento a uma ratoeira. O divorcio deve ser a cordinha que abre a porta para que ambos escapem. Não como nos paizes latinos, onde se passa por entre as grades. Já disse Marcel Prevost, que quanto sahimos do casamento temos que nos espremer por grades tão apertadas que sahimos irremediavelmente machucados.

É preciso que o divorcio seja a senha para uma vida melhor e não que faça mais victimas...

Mas, o divorcio é simplesmente um aspecto negativo.

Duas pessoas que se uniram para a vida e que verificam terem errado. Simplesmente.

É necessario que se estude a instituição do casamento, nas suas raizes, para que venha de um esforço mantido multilateralmente, uma norma para conter o maior numero possivel de individuos.

Devo dizer que eu não proponho nenhuma medida radical, que importe em modificação reaccionaria dos nossos habitos e costumes. Longe disso, não a creio vantajosa. A observação mesma da vanguarda revolucionaria da America me fortifica nessa crença. Acaba de ser publicado um livro de Walter Lippmann, "Prefacio á moral", que me parece cheio de luz, através da critica do "New York Times".

"Não se poderia dizer nada contra a nova liberdade, diz elle, si fizesse as pessoas felizes. Mas reconhecidamente não faz; o que distingue a geração actual não é a rebellião contra a religião e o codigo moral de seus paes, mas a desillusão com a propria rebellião".

Vou honestamente apresentar o resultado do meu estudo. Não tenho a pretensão emphatica nem a estupidez de julgal-os de maior valia que de chamar a atenção da gente de hoje para um assumpto que só ella póde resolver. O problema está sobre a meza. Vou lhes apresentar os meus dados parciaes e conto com a collaboração de todos para um resultado mais definitivo.

Primeira conclusão. O casamento deve ser feito tarde. A indicação é formal. Porque? Realmente, a noção de familia evoluiu — Esse é o primeiro motivo. A familia biologica vae muito longe. A familia agora repousa, não sobre necessidades sociaes ou sobre instinctos. Mas sobre uma base cultural, que é necessariamente mais artificial. Requer mais responsabilidade, maior treino de disciplina: só o tempo é que os fornece. Justamente porque a liberdade é maior é preciso aprender a uzal-a.

Uma outra razão, é que o homem é inicialmente um animal polygamico, mas tende, depois de certa idade, para a monogamia. Esse segundo motivo é importantissimo. É facto tirado não só de observação das sociedades mais cultas como das sociedades naturaes de selvagens. E o que foi verificado por ex. entre os selvagens das ilhas Trobriand, perdidas no Pacifico, por B. Malinoswsky, que a respeito publicou um estudo que está tendo grande repercussão. Um terceiro motivo: estudos sociaes directos, feitos em Philadelphia por varios educadores, supportam essa opinião.

Esses estudos foram feitos na Côte de Relações Domesticas de Philadelphia — cidade fundada por "quakers", extremamente conservadora e parecida com o Rio em muitos aspectos — por H. Hart e W. Schields e outros, mostrando que o casamento torna-se rapidamente perigoso sob o ponto de vista de felicidade conjugal, quando as idades são menores respectivamente de 22 annos para a noiva e de 26 annos para os rapazes. Fixam como idades ideaes: 29 para o noivo e 24 para a noiva, admittindo desvios de 4 annos para o noivo (25/33) e 2 annos para a noiva (22/26 annos). (Peço que não vejam aqui nenhum caso pessoal). Estou firmemente convencido do erro de casar cedo: as miragens desfazem-se fragorosamente. E então não resta nada — ás vezes fica alguma cousa, mas essas cousas, a desillusão do conto do vigario não deixa vêr...

Ha pouco tempo, passou-me pelos olhos um livro de auctor anonymo, que se diz ser de um conhecido critico inglez á sua mulher. Intitula-se "Cartas de amor de um marido" e de qualquer maneira a sinceridade é tanta, que vale como um documento humano. Dez annos de casamento e de mortal caceteação, como é commum; mas, o que não é frequente: no fim de 10 annos, a mulher foi-se embora e escreveu-lhe uma

carta franca, encantadora: "Não sei si ainda te amo ou si te odeio. Tudo era tão maravilhoso, não era? E o que é justamente terrível é que as cousas não são mais maravilhosas. Você aborreceu-se durante annos seguidos... e eu por seculos! Pelo menos é o que me parece. Mas, si tiveres disposição, escreve-me". E o marido escreveu-lhe 20 cartas admiraveis...

Assim são os casamentos dos que entram nelle muito jovens.

Mas esse facto concreto que eu aponto — a idade — ainda encerra mais consequencias. Eu não exagero a importancia delle. É o degrau que me permite chegar á segunda conclusão, que me parece fundamental:

Mudança de attitude mental dos que entram no casamento.

Os que entram no casamento têm que ter em mente um facto: é uma ligação que se faz por toda a vida. Quem não o tem bem fixado, não se case, em nome da dignidade do proprio casamento.

E si nós examinarmos os vanguardeiros da America, veremos que todos concordam nesse ponto, mesmo sem tomar em conta as razões de Kayserling, que modelou um casamento excepcionalmente elevado.

Lippmann, que talhou uma nova moral, adiantadissima, abolindo todos os preconceitos, e cujo unico defeito é ser uma moral aristocratica, porque é elevada demais para ter appello ás massas, escreve:

"A maioria das pessoas achará na monogamia o mais duravel e o mais satisfactoria esquema para a sua satisfação emocional".

Mas, porque não consideramos a familia como necessidade social nem como unico abrigo para segurança economica, e requeremos do lar uma força espiritual, além dos filhos e de uma paixão gratificada — torna-se necessaria uma nova arte, ou por outras palavras, é preciso modernisar uma arte velha como o mundo e sobre a qual Havelock Ellis tanto insiste: *a arte de amar*.

Mas, para que a arte de amar possa ser exercitada, é indispensavel a mudança das bases em que o casamento se faz no velho padrão que constituiu o primeiro "sketch".

Si izolarmos o casamento-negocio, o casamento-dinheiro — que são casos de falsificação matrimonial que não merecem consideração — temos o seguinte:

O homem sem coragem para o matrimonio; lá um dia apanha um "coup de foudre". É o trampolim da paixão que o faz dar o pulo. Quanto pulo em falso...

O casamento por paixão é completamente absurdo.

Com as mulheres a cousa é differente. Poucas se casam por paixão, porque a decisão não lhes pertence. Ellas amontoam umas sobre as outras e aprendem uma cousa: a realidade. Si uma cabe no lugar da outra é que o lugar estava vazio. O perigo não é esse. É que as nossas mulheres educam-se, têm o contacto perturbador das cousas movediças e atoarda-

doras da civilização da machina, mas a machina não lhes deu ainda a independencia... Sentem a ancia, a vertigem das individualidades que se revelam a si proprias: mas estão sujeitas ao que os sociologos de lingua ingleza chamam "lag", que é um deposito remanescente da escravidão primitiva e que ainda impregna nossos costumes e tradições.

O casamento é a libertação: é a fuga de um lar infeliz, ou de paes severos ou a libertação economica... Igualmente errado...

São estas as duas causas parasitas, perturbadoras, origem de tanto casamento fracassado.

O homem que se apaixona não vê a mulher que ama; vê "uma" mulher que tem na cabeça, um typo standard para todas por quem se apaixona successivamente.

Igualmente a mulher que se quer libertar, si pretende ao mesmo tempo um lar feliz, só acertará por acaso.

O casamento tem que ser encarado objectivamente: a unica porta segura é cada um fazer á sombra de uma affeição grande, uma analyse sincera e justa da personalidade do outro, e da sua propria sinceridade basica que cada um deve ter para consigo proprio, perguntando-se e analysando si realmente estão removidas essas causas assignaladas.

Entrar no casamento sem uma visão clara e sem um arco iris romantico.

Nestas condições será possivel ser exercitada a *arte de amar*. Eu não lhes vou dar um breviario. Mas é difficil. Foi essa arte de amar que fizeram os nossos bisavós felizes. Mas nós esquecemos de modernizal-a.

Antigamente a cousa era facil: os nossos bisavós analysavam as personalidades dos candidatos ás filhas. Era uma só que contava. A mulher se sujeitava. Mas tinham depois uma arte de amar e essa lhes dava felicidade...

Felicidade que levava um Mark Twain dizer de sua propria experiencia:

"Nenhum homem e nenhuma mulher sabem o que o amor realmente é, a menos que tenham sido casados por um quarto de seculo".

Toda a complicação introduzida foi apenas essa: a analyse tem que ser feita sobre duas personalidades.

Si ha sinceridade inicial, de cada um para consigo mesmo as probabilidades são infinitamente maiores que ao acaso.

Para depois, é facil estabelecer uma atmospheria de comprehensão e sympathia, com mutuos direitos e responsabilidades, liberdade de individualidades e honestidade mutua de attitudes, por disciplina imposta por dentro.

Emquanto isso, a machina vae alargando possibilidades libertando sempre.

Até agora parece que ella trouxe mais miseria. Mas trouxe o vento fresco das cousas novas, cheias de vitalidade e de vigor.

Nós temos que acreditar que ella nos trará mais felicidade tambem...



Waldo Frank na Argentina

CONCEITOS E IMPRESSÕES



Encontra-se em Buenos-Aires, onde fez uma serie de conferencias sob os auspícios do Instituto Cultural Argentino-Nortamericano, o grande escritor americano Waldo Frank, dos nomes de maior significação da literatura do seu paiz e do mundo inteiro. Waldo Frank é um escritor moderno no sentido mais expressivo do termo, isto é, aquelle que compreendeu que, no momento, todas as fórmas passadas são insufficientes para as necessidades espirituas do mundo e é preciso criar as forças renovadoras. Desde o seu primeiro livro *Nossa America*, que Frank lançou a sua grande these, desenvolvida em varios outros ensaios, inclusive no seu novo trabalho: *Redescoberta da America*, (*Introdução a uma philosophia americana*) cuja tradução está publicando na revista *Europe*, e nas conferencias em Buenos-Aires. Porque o phenomeno contemporaneo é da America e o nosso continente, apesar de moço, nasceu cheio de velharias. Eram as civilizações antigas pre-colombianas, de um lado, e, do outro, as velhas civilizações europeas que trouxeram os conquistadores; inglezes, francezes, espanhoes e portuguezes. A libertação de toda essa bagagem passadista tem sido o grande esforço moderno e Waldo Frank é dos seus doutrinadores. Os seus livros de poesia, contos e critica, sobretudo *Virgin Spain* e *City Blok*, estão em voga em toda parte e justificam o seu renome. Preocupado sobretudo com o phenomeno americano, que deverá dar aos homens as novas expressões da existencia, será muito interessante a visita de Waldo Frank aos paizes sulamericanos, não devendo, porém, deixar de vir ao Brasil, cuja mentalidade se differencia muito da do resto do continente e cuja criação moderna não deverá desconhecer, para um juizo seguro das possibilidades latino-americanas.

COMO WALDO FRANK EXPLICA O ARRANHA-CEU

Numa das suas conferencias em Buenos-Aires, Waldo Frank, falou da *era do instincto*, nos E. Unidos, a que chama o periodo que vem de Lincoln e da guerra civil até os dias actuaes. Nessa conferencia assim explicou os arranha-ceus, como templos erigidos aos deuses desta epoca. Disse que, quando era menino, viu as torres que começavam a levantar-se na sua cidade e que se chamavam arranha-ceus, e ouviu dizer que se construíam porque Nova York era uma ilha estreita e, não podendo crescer horizontalmente, tinha de fazel-o no sentido vertical. Mas isso é uma boa prova de falta de conhecimento de si mesmo: houve sempre espaço na ilha de Manhattan, mas se foram abandonando os edificios baixos e reduzindo o espaço. Os arranha-ceus não são a realização estilizada de um idéal, mas templos erigidos aos deuses americanos da idade do instincto: a magnitude, a massa, a igualdade democratica, a expansão superficial, deuses todos do culto ao Poder. São monumentos da igualdade regularizada, da união dos atomos americanos que se elevam á eminencia através da massa. A architectura romanica se especializou pela horizontal e equilibradamente o individuo alcançou a sua finalidade no

gothico. O barroco e o rococó representam a desintegração da ordem antiga em todas as fórmas centrifugas, mas os arranha-ceus são mais primitivos que todos elles: são fruto do poder de uma tremenda massa humana não diferenciada, igual, cujo crescimento se faz, não organicamente, mas por accumulção. Como é o symbolo da força viril nas civilizações jovens, o arranha-ceu é a expressão do poder economico e politico. O aço teria de ser o esqueleto desses edificios; na architectura gothica se collocava pedra sobre pedra a cada um desses blocos era estruturalmente essencial. Tire-se uma pedra e tudo ruirá. Nella o individuo era essencial ao conjunto. Mas, no edificio de aço, este não é essencial e se póde substituir qualquer pedra sem que soffra o conjunto. Reefriu-se depois á pretensão decorativa no arranha-ceu, que deformou o seu caracter expressivo de uma epoca de instincto.

ROCKFELLER, EXPOENTE DE UMA ÉPOCA

Para caracterizar a epoca de instincto, Waldo Frank citou o millionario John D. Rockefeller, o rei do petroleo, e assim lhe traçou o perfil: «Rockefeller tem noventa annos e prometteu chegar aos cem com igual vontade, com que, ha setenta atraz, garantiu que seria o homem mais rico do mundo, e cumpriu. Apesar de ter dado a diversas instituições setecentos milhões de dollares, sua familia poderia perder uma fortuna duas vezes igual a de Ford e ainda seria duas vezes mais rica do que este». Pintou depois a figura do pae de Rockefeller, perfeito filho da sua epoca, versatil, ambicioso, sem escrupulos, astuto, habilidoso, e da sua mãe, puritana e piedosa, e demonstrou como aquelle, herdando e fundindo os caracteres de ambos, chegou a ganhar mais dinheiro do que seu pae, porque tinha, ademais, o dominio puritano sobre si mesmo e o dom puritano de idealizar tudo quanto faz. Por meio de grandes magnatas, como Rockefeller, a America alcançou — nesta era do instincto — uma especie de dominio muscular sobre seu proprio corpo. Essa especie de dominio pessoal é uma necessidade essencial da idade instinctiva. Um moço necessita de ser dono das suas pernas e dos seus braços, antes de o ser da sua intelligencia e da sua alma.

AUTOMOVEL, SYMBOLO DO PODER

Waldo Frank, falando do automovel disse que, nos EE. Unidos, elle é o symbolo do poder, porque é o proprio corpo em movimento, e este é um dos principaes modos de acção do poder, que se dirige a Oeste e ao Sul, deslocando-se sempre, buscando sempre maior extensão em superficial. Nos EE. Unidos, o automovel está substituindo todas as velhas hierarchias da classificação humana. O anhejo do Ford é converter-se em Buick e este pensa que, se a sorte lhe fôr favoravel, poderá alcançar

Cadillac. O americano come pratos baratos e mal cozinhados, vive em casas sem arte, mas na sua porta reluz um esplendido automovel. Para possuil-o, a vida toda da familia se sacrificou. Vendo-as passar velozmente nos seus automoveis, pensar-se-ia que seu *standard* de vida é igual á do parisiense rico e, na realidade, é mais baixo do que a do camponez francez. Mas o automovel representa para o nortamericano um idéal, tal como era a espada para o fidalgo da antiga Espanha. E, conclue, que, de todos os meios inventados para destruir a consciencia, nenhum é mais efficaç do que a velocidade em alta pressão, pois a consciencia requer lentidão e madureza. Uma das suas dimensões é o tempo.

CHARLIE CHAPLIN

Uma das conferencias de Waldo Frank, em Buenos Aires, foi sobre Carlito, de quem começou dizendo: «Os olhos de Charlie Chaplin são de um azul tão obscuramente sombreado que é quasi purpureo; são olhos tristes através dos quaes a amargura e a piedade o'ham o mundo. Seus olhos se encerram numa solidão proibitiva. Ninguem que os veja terá vontade de rir. É a unica parte de Chaplin que nunca apparece nas peliçulas». Deste rapido retrato dos olhos de Carlito, deduziu Waldo Frank a característica solitaria da alma do grande comico, o unico homem que destôa no ambiente commercializado de Hollywood. Referiu-se á sua infancia, aos seus processos de trabalho, mostrando que a apre entação do tipo de Carlito consttue uma mascara muito semelhante ás gregas e de outros theatros classicos. «Representa uma emoção cristalizada. Póde ser terror ou extase religioso, sabedoria humana ou deleite. A mascara antiga era habitualmente um rosto, a de Chaplin é um complexo de rosto, corpo, indumentaria, bengala e andar. Sua condição moderna a faz mais complicada que a mascara grega, relativamente mais candida. Representa o protesto atomico contra as instituições». Depois disse: «Milhões de pessoas riem hoje do andar comico de Chaplin. Não suspeitam que a comicidade desses passos é uma evolução da dôr. E, sem embargo, despertar o riso da angustia humana é o que consttue precisamente o segredo da comicidade de Chaplin. Nós empurramos o nosso fardo através da vida no corpo cansado e pés doridos, e Chaplin cumpre a dura tarefa transfigurando-a em riso e allivio». Refere depois á compreensão da obra de Carlito, dizendo que os meninos são que mais lhe querem, porque não tratam de compreender esse conhecimento, que possuem por acceitação immediata. Falou ainda da crise na vida de Carlito, marcada no *Circo*, e no character sombrio da fita que está preparando, para concluir: «Chaplin alcançou sua meta. Uma meta é um fim. Um fim póde ser tambem um principio».

O «JAZZ» E O IDÉAL AMERICANO

«O verdadeiro heroi do jazz, disse Frank, na sua ultima conferencia em Buenos-Aires, é a alma americana, o seu verdadeiro brinquedo é a Machina. Ha dois elementos nelle. Um de submissão e outro de rebeldia. O povo se inclina, ou melhor, cede ás formas e exigencias da idade mecanica. Posto que se submete, adopta as fórmãs do seu amo. Dahi esse elemento de imitação na musica do jazz, da monotonia chilreante implacavel das machinas. Mais ainda quando se submete, esse povo começa a rebelar-se. Uma

especie de rebelião servil e dissimulada. Não brota limpida e clara, mas vira e se afasta da submissão absoluta. Dahi esse elemento de queixa no jazz, de acceitação tardia (sincopa) de asimetria acentuada. O povo americano — de maneira inconsciente porque ignora o contendo do jazz, reproduz por sua vez numa pantomima sua tragica servidão á idade da machina e sua propria libertação infantil».

Mostrou que, antes do jazz, outras vozes do paiz foram a expressão da desconformidade e da insatisfação inconsciente. Bryan, figura lirica, Roosevelt, que era um pensador debil, mas um actor admiravel, cuja bocca estava cheia da retorica dos proceres: America terra de liberdade, cujo destino manifesto era a paz e a prosperidade universal. Disse que, depois de Lincoln, os estadistas americanos foram todos debeis. Wilson foi o ultimo dos grandes pregadores, em cujo sonho puritano revivia a America como novo mundo. Embora vivendo 300 annos mais tarde do que os puritanos Thomas Hooçk e Roger Williams não transfigurou sua visão em termos mais modernos. Aceitou metodos articulados para seu grande plano. Quando Wilson foi á Europa, todo seu povo o adorou como um cruzado do idéal, mas, quando voltou e quiz que seu povo vivesse nesse ideal, elle não lhe deu mais razão, e isso o matou. Elles eram todos homens de palavra e com a palavra serviram ao ideal americano, enquanto outros homens de acção serviram ao contraditorio phenomeno americano.

Referiu-se apoz aos escritores, detendo-se em Dreiser e Masters, homens desesperados. «Foram educados na estricção fé americana; fé na revelação christã, fé na santidade e na perfeição da Constituição americana. Nem a Biblia nem a Constituição podiam errar». De sorte que «a sua philo'ophia se converte num desespero cego. A essa luz examinam a vida americana e a encontram sordida, cruel e falsa».

Antes da guerra, disse depois, a revolução se fez intellectual e foi um dos seus prophetas Max Eastman, o professor de philosophia que combateu o pragmatismo e fundou «The Masses», grupo cujo erro foi aceitar em demasia as premissas marxistas e cujo espirito se evaporou em tentativas sem objectivo. Adeante, cuidou dos poetas, Sherwood Anderson, que não se conforma em cada personagem um thesouro de amor, e Charles Sandburg, que em seus cantos liricos de Chicago, a cidade gigantesca que estende sobre o prado, tende a revelar — superando a visão fria de Upton Sinclair, — o terno espirito que desce por baixo dessa capa de fumo e de aço, e, ao cantar a cidade infernal, o poeta tropeça com sua propria modalidade primaveril e affirma que caracteriza a vida, o facto do espirito americano derrotado encontrar palavras para reconhecer sua derrota, pois essas palavras são o aurauto annunciador de que triunfará da derrota.

Terminou a sua conferencia sobre o idéal estadunidense, dizendo que a joven americana é a encarnação do anhelado seu paiz de crear uma nova ordem; com seu corpo fresco e sua alma valente está infundindo um novo espirito de coragem na nossa vida commum e o joven americano vae unir-se a ella para criar um verdadeiro mundo novo do nosso grandioso chaos.

FRANK E A AMERICA LATINA

Falando a um jornal portenho, Waldo Frank expressou o seu contentamento em visitar a America latina e disse que a sua estadia na Espanha, em 1921, e o livro que escreveu sobre esse paiz foram o prologo da sua vida

O que os homens até 1870 não viram nem souberam

A lampada electrica incandescente — O motor a explosão — A analyse espectral — O telephone — O phonographo — A dirigibilidade dos balões — O avião — A photographia das côres — A radiotelegraphia — A radiophonia — O raio X — O radio — A radioactividade — O automovel — A radiologia — A physiotherapia — A televisão — A vaccina anti-rabica de Pasteur — A cura da diphtheria, do tetano e da gangrena — A antisepticia — A theoria colloidal — A transfusão do sangue — A machina de escrever e as de calcular — O ditaphone — A dactyloscopia — A extincção da febre amarella — O submarino — As turbinas — O cinematographo e o cinema falado — O tractor agricola automovel — O bonde electrico e a electrificação das estradas de ferro — O arranha-ceu — A theoria da relatividade — O freudismo — O futurismo e o cubismo — A refrigeração electrica — O bolchevismo — O fascismo — A guerra chimica — A metralhadora — A cirurgia plastica — A nova theoria atomica — O motor electrico e o motor Diesel — O torpedo automatico — Os gazes nobres — O ar, o hydrogenio e o oxigenio liquidos — O cimento armado — A localização pelo som — O tank — A Agulha gyroscopia.

ao nosso continente, para penetrar-lhe a vida intellectual e artistica. Disse da necessidade de uma collaboraço cultural na America, em beneficio tambem dos Estados-Unidos, cuja supremacia economica não lhe devia acarretar um isolamento intellectual. E ajuntou «é preciso ter em vista que o maior perigo que ameaça a nossa civilizaço occidental está sobretudo no facto de terem fracassado as antigas fórmulas ideaes que nos guiavam, porque já não podem conter a realidade actual, mas não foram ainda substituidas por outras novas, de modo que hoje nos guiam varias tenoencias cegas de produço economica, sob o manto da diplomacia e da politica».

FRANK, CRITICO DOS ESTADOS UNIDOS

Falando sobre os Estados-Unidos, disse: «Sou um critico severo da minha patria, porque considero que a autocrítica com fins constructivos é a unica fórmula de patriotismo verdadeiro e entendo seguir com ella a tradiço dos

fundadores religiosos que chegaram á America do Norte para construir um novo mundo, no qual o homem pudesse chegar aos mais altos destinos, tradiço a que pertencem Emerson, Thoreau, Lincoln e Whitmann, que, no seu tempo, foram criticos severos da sua patria. A obra dos criticos como Mencken e Sinclair Lewis tem sido valiosissima: destruir definitivamente fórmulas ideaes que estavam já mortas por não poder conter as modalidades da vida nova. Essa critica negativa tão necessaria já fez a sua epoca e devemos nos esforçar com o maior empenho para substituir aquellas fórmulas por outras novas. Estamos na etapa constructora e temos de esquecer o resto. Para a collaboraço que reclamo, creio que a condiço preliminar é que todos os paizes tenham adquirido a sua individualidade e que se conheçam a elles mesmos, pois considero que de outro modo mal poderão conhecer-se entre si. Minha propria patria não se conhece ainda e, nesse esforço, porfiam dedicadamente alguns de seus filhos. Mas é indiscutivel que por sua vez a vinculaço póde ser uma das formas para que um paiz chegue a se conhecer».



REPERTÓRIO



A CONFERENCIA DE HAYA E A SIGNIFICAÇÃO DO EXITO SNOWDEN

Na reunião de Haya, entre as seis potências interessadas no problema das reparações, de que resultou a aceitação do plano Young, cujas bases publicamos no último numero, o ponto fundamental foi a intransigencia do ministro britânico Frederic Snowden. Depois de longas negociações, em que, mais uma vez a habilidade e o tacto de Briand deram provas inextinguíveis, conseguiu Snowden concessões na base de 75% sobre as suas reclamações, em relação ao algarismo de 45 milhões de marcos-ouro, e que, evidentemente, não representa uma forte somma no orçamento inglez. Mas é preciso não esquecer que o triunfo foi interno. Os trabalhos levaram para Londres uma importância pequena de dinheiro, comparada com a somma de audacia que teve o Ministro do Tesouro de empregar, mas puderam dizer, alto e bom som, que conseguiram o que os conservadores não haviam obtido e preferiram abandonar. O país inteiro sustentou o governo. É certo que houve uma impressão de que a Inglaterra não estava em situação financeira muito folgada, para se explicar o modo arraigado com que Snowden defendeu o supplemento de annuidades de cerca de 400 mil esterlinos, pelo que muitos se recusam a considerar um triunfo o exito de Snowden na Haya, que consistiu em augmentar para 36 milhões de marcos-ouro a importância de 28 milhões 6 de marcos que os Quatro lhe tinham offeresido e elle respondeu secamente: *No! inadequate...*

Quando Snowden (que, se diga de passagem, é igualmente combativo para com os seus adversarios de casa,

tendo sido um dos grandes factores da queda de Stanley Baldwin) obteve o que pretendia, conta-se que telephou para a sua esposa, comunicando-lhe o occorrido. Interpellado por um jornalista norte-americano, Snowden disse: «Sem ella, eu não teria conseguido essa victoria para a Inglaterra».

A EVACUAÇÃO DA RHENANIA

Toda a imprensa mundial se occupou com a importante questão attinente á evacuação do Rheno. O famoso rio que confina, desde os tempos immemoriaes a separação do mundo em que predominou a *pax romana* do mundo immenso dos barbaros germanicos, está novamente no cartaz, e desta feita, representando um papel de evidente desaforo. A Rhenania começa a ser evacuada pelas forças alliadas, depois de largo periodo de occupação que se iniciou em 1919 até a data presente.

Ninguém pense, entretanto, que, exceptuados, evidentemente, alguns attritos verificados nos primeiros tempos de intensa exacerbação patriótica, a occupação tenha suscitado rancores profundos, odios irreconciliaveis, inimidades explosivas e malestar patente.

Depois que a Rhenania retomou o seu ritmo habitual, a direcção do territorio occupado foi exercida com um tacto e uma diplomacia notaveis. Quem o diz é uma autoridade insuspeita, o maior-general Henry T. Allen, do exercito norte-americano figura que não morre de amores pelos objectivos da politica Poincaré, mas que tambem não se deixa levar pela suspeição partidária. O Major-general Henry T. Allen, em artigo estampado na *New York Herald Tribune*, affirma que o alto commissario da Rhenania, Paul Tirard, homem de uma correcção absoluta e maravilhosamente dotado para desempenhar semelhante posto, bem como o General Degoutte, commandante em chefe das forças alliadas, «a fine soldier and diplomat», conseguiram impor-se brilhantemente ás populações rhenanas

O major-general Allen transcreve no

seu artigo a admiravel carta que, em 1873, o Presidente Thiers dirigiu, de Versa'hes, ao Conde de Saint-Vallier, de alto commissario da França, após a eva'uação do territorio francez, paga, até ao último vintem, a indemnisação dos bilhões de francos. Vale a pena transcrevel-a, para aqui'atar-se da nobreza de alma do grande patriota francez: «Peça ao General von Manteuffel para continuar com os seus bons officios até ao final da occupação e lhe diga que não desespero da sua visita e da sua presença em minha casa assim que elle deixar Nancy. Toda a gente ficará contente com a noticia da evacuação e não haverá traços de amargura. Informado dos serviços que elle prestou, se lhe proporcionará a recepção que merece. Dê-lhe, por mim, um cordial aperto de mão e receba um para o Senhor, cuja participação no nosso bom trabalho nunca olvidarei».

AINDA O «MITRISMO»

Recentemente, respondendo a criticas feitas á administração do Presidente Irigoyen, por *La Nación*, *La Epoca*, órgão official do partido irigoyenista, atacou vio'entemente não só o jornal adversario como tambem o que ella chamou «mitrismo». *La Epoca* procurou demonstrar, á margem de uma questão de politica actual, que o «mitrismo» fora prejudicial á Argentina, e que Mitre somente se collocara na presidencia para realizar ambições de caracter personalista.

Ha um ponto importante do artigo de fundo de *La Epoca* e que, indirectamente, nos interessa. É o que se refere á Guerra do Paraguay, que *La Epoca* considera como o «sacrificio de um grande povo».

Seja, porém, como for, as palavras de *La Epoca* mostram que existe, no momento presente, tendencias a reconsideração do papel de Mitre na historia argentina e á revisão da intervenção do governo de Buenos Aires, na guerra contra Lopez.

ASPECTOS DA LEI SECCA — «O JONES ACT»

O grande problema americano da proibição! Quando é que terá fim a celeuma que a lei Volstead levantou? A proibição tem sido burlada de mil e uma maneiras. Para tornar ainda mais forte a campanha contra o alcool em todo o paiz, o Presidente Coolidge, a 2 de Março do corrente anno, assignou a Lei Jones. Essa lei, draconiana no parecer de muitos constitucionallistas, estabelece multa de 10.000 dolares e prisão cellular até cinco annos, para todo aquelle que manufacturar, vender, transportar, importar, exportar alcool, de accordo com o que já se encontra estabelecido na Lei Volstead.

Pois bem, existem actualmente em Nova York nada menos de 32.000 bares onde se vende ás escancaras o alcool, sob todos os disfarces. Após seis mezes de funcionamento, a Lei Jones não foi applicada UMA SÓ VEZ QUE FOSSE nos tribunaes do Districto Meridional de Nova York. Na Côrte, (Vara, como se diz entre nós) Federal de Brooklyn, só houve um caso da applicação da Lei Jones.

A ADMISSÃO DE MENORES NOS THEATROS E CINEMAS

O assumpto esteve, ha pouco, em debate entre nós, em virtude das determinações do juiz Mello Mattos, prohibindo a entrada de menores de 18 annos, mesmo acompanhados, a theatros e cinemas, durante a noite. Afinal, ficou restricta a prohibição aos menores desacompanhados. No numero de 7 do mez passado, as *Informations Sociales, do Bureau International do Travail*, trazem uma longa informação sobre o caso, reproduzindo as diversas feições que tomou a discussão e resumindo a resposta que o Juiz de Menores deu, pela imprensa, mostrando que a revisão do Codigo de Menores, que se reclamava, era illegal, injusta, desumana e impolitica, sendo mais necessario salvar a raça do que proteger a industria.

A DURAÇÃO DO TRABALHO NA ARGENTINA

Está em debate no Congresso argentino o projecto de lei, já aceito no Senado, regulando a duração do

trabalho. Por esse projecto a duração do trabalho não ultrapassará 8 horas por dia, ou 48 por semana, em toda empresa publica ou privada, com fins lucrativos ou não. Serão excluidos os trabalhos agricolas, a instrução, o serviço domestico, bem assim os dos estabelecimentos, cujo pessoal se componha unicamente de membros da familia dos chefes da empresa. A duração do trabalho nocturno não será de mais de 7 horas, compreendidas entre as 21 e as 6 horas da manhã. Se o trabalho se effectuar em lugares insalubres, a duração deve ser reduzida a 6 horas e a semana a 36 horas. A lei estabelece tambem que o poder executivo póde conceder excepções temporarias em certas circumstancias, mas sómente depois de consultar as organizações operarias e patronaes interessadas.



A SUPERPOPULAÇÃO E OS PROBLEMAS DO ABASTECIMENTO

A população do Brasil em dezembro de 1927 era calculada em . . . 37.970.329 habitantes distribuidos dentro d'uma superficie de 8.494.299 kilometros quadrados, offerecendo uma densidade approximada de 4 habitantes por kilometro quadrado.

Sua população vae, pois, crescendo numa proporção cada vez maior, levando-se em conta a situação de paiz immigrantista, sendo certo que em 1950 attingirá a cerca de 55 milhões, quando então a America do Norte superpovoado não acceitará mais immigrants e a Argentina com menos area explorada vêr-se-á na contingencia de restringir a immigração, derivando suas actuaes correntes immigratorias para o Brasil e outros paizes americanos que offereçam iguaes possibilidades.

A situação da humanidade ou antes o problema da superpopulação torna-se assim cada vez mais angustioso. O mundo conta cada dia, com cerca de 50.000 homens a mais, pois nascem diariamente 150 mil e morrem, apenas 100 mil. Nessa conta, o mundo terá sua população duplicada em 60 annos, decuplicada em 200 e centuplicada em 400, quando então os problemas de nutrição dessa enorme mas-

sa assumirá um caracter extremamente grave. Segundo o calculo de um demographo inglez o Brasil pode comportar satisfactoriamente uma população de 400 milhões.

Este problema mereceu do professor E. A. Ross da Universidade de Madison num estudo documentado e suggestivo. O professor Ross acredita que a superpopulação acarretará fatalmente a miseria e um rebaixamento da cultura intellectual antes do fim do presente seculo.

No ultimos quarenta seculos os povos civilizados conseguiram graças ás descobertas medicas e ás medidas de hygiene, recuar os limites da morte. As epidemias tendem a desaparecer. Por outro lado os meios de existencia crescem, mas não na mesma proporção do crescimento de população. Por condições varias certos paizes encorajam e pregam a repopulação como a Italia.

A emigração dispersa estas forças que vão constituir um perigo para os paizes para onde se dirigem obrigando-os a tomar medidas restrictivas contra a invasão, como succede nos Estados Unidos.

A obra do Dr. Ross offerece perspectivas bem sombrias para o futuro da humanidade. Mas, consolemo-nos. As predicções sempre foram pessimistas para os que não de vir e estes saberão se defender.

OS EMBARAÇOS FINANCEIROS DE CICERO

Nada mais indiscreto que a curiosidade bisbilhoteira dos historiadores que tudo querem vêr e investigar. Cicero teve em sua vida a preocupação de apresentar á posterioridade um aspecto de si mesmo que estava bem longe de ser o verdadeiro. A magestade de suas attitudes é agora, diminuida por essa bisbilhotice historica que faz de Cicero um *parvenu*. O Snr. Roll, num artigo publicado no *New Yorkbücher* nos mostra uma feição inesperada do grande orador latino: Cicero, homem de negocios.

Com effeito, o poderoso adversario de Catilina era um ambicioso e não querendo ficar em situação inferior aos seus collegas foi uma victima dessa mania de fausto que dominou Roma no fim da Republica e principio do Imperio. Cicero não possuía menos de 8 villas fóra de Roma e na cidade havia comprado de Crasus uma casa por cerca de duzentos e trinta contos de réis. Mas, como tantos homens de

letras elle não podia se dedicar aos negocios que eram entregues a um intendente Eros e como todo homem politico de seu tempo vivia mais ou menos do credito, escondendo sob sua fachada brilhante uma situação embaraçosa. Elle luctou com difficuldade para constituir o dote de sua filha Lullia casada com Dolabella e quando este se divorciou, não restituiu o dote. O seu divorcio de Terencia foi outro embaraço para restituição do dote e que o levou a contrahir novas nupcias com a rica Publilia, casamento este que não durou muito tempo. Enfim, sua vida foi sempre perturbada por serios embaraços financeiros e não foi sem razão que elle uma vez affirmou que se houvesse uma nova conjuração elle faria parte, ao menos para poder se desembaraçar de suas dividas.

NOVA-YORK HOMICIDA

A espantosa circulação de Nova York constitue mais perigo para sua população. Segundo o relatório de sua policia sobre accidentes de circulação houve em 1927, 1.136 mortos e 41.222 feridos. Em 1928 houve somente 1.110 mas o numero de feridos subiu a 45.595.



PABLO PICASSO E A ARTE MODERNA

É interessante e util dar as opiniões de Pablo Picasso, o maior pintor moderno, sobre a hora presente, na Europa. Disse Picasso que é uma pesquisa inutil procurar na arte moderna uma direcção caracteristica e unica. O renascimento e o barroco tinham um caracter definido, um estilo marcando todas as obras do tempo, mas, em nossos dias, se quizessemos descobrir o mesmo, verificariamos a ausencia completa de uma directiva. «Na realidade, disse textualmente, o artista moderno procura, mais do que tudo uma expressão correspondente ao caracter intellectual da sua epoca e que seja a quintessencia. Procura achar a forma harmoniosa dessa tendencia. Mas o es-

tilo de nosso tempo ainda não foi encontrado

Depois mostra que é contrario ao que chamam *escolas e tendencias*, porque a obra de arte será sempre obra de arte venha donde vier. Irrita-se quando pretendem catalogar a sua obra, pois, é apenas um artista. «Pertencço á arte moderna, isto é sou livre e independente e procuro dar a força da vida aos sentimentos e concepções da minha epoca». E a seguir: «Nas suas obras o artista traduz a *quintessencia da sua epoca quando faz conhecer a sua propria personalidade*, eis onde reside, no fundo, a importancia da arte. Tudo mais é surperfluo». Contraria a idéa de uma arte philosophica ou politica, insistindo pela personalidade. O pintor revela, num pequeno quadro e por um leve toque, ou pela predilecção de uma côr, seu caracter e sua origem. Um espanhol não verá nunca o mar como um russo, suas qualidades de expressão são diferentes.

Tocou depois no ponto fundamental, a diferença entre a arte antiga e a moderna, que está no rythmo da vida, e esta encontra a sua expressão na fórmula artistica. A arte, no periodo actual, da aviação, da radiophonia e das transmissões telephonicas através dos mares, deve dar igualmente uma impressão de rapidez. Não equiva'e isso a standardizar a arte, porque, na fórmula artistica, não deve desaparecer a individualidade. Em todo caso, a arte está muito ligada ás correntes da vida, para que a possamos julgar objectivamente. Deixemos ao futuro o pronunciamento último sobre a hora actual.

A MORTE DE DIAGHILEW

Acaba de fallecer num dos hotéis do Lido, em Veneza o animador dos ba'ladados russos, Serge Diaghilew. Pela sua intelligencia e gosto audacioso Diaghilew contribuiu largamente para a evolução do theatro mundial. Sua obra fica engrandecida por sua morte porque Diaghilew não foi só o idealizador de realizações choreographicas mas o transformador de concepções, obrigando o publico a apreciar o que elle architectara e ligando ao seu nome os de Strawinsky e Prokofieff, de Picasso e Matisse.

Na enumeração das obras que elle produziu basta citar aquellas que mais contribuíram para a evolução da arte moderna e que ainda nos principios deste anno tiveram a ventura de vel-os

os frequentadores da Opera de Paris, como *Petrouchka, L'Oiseau do Ieu, No-ces, Pulcinella, Edipus Rex*, de Strawinsky; *Les Biches* de Poulenc; *Les Facheux* e *Matelots* de Auric; *Chout* de Prokofieff; *Le Tricorne* de Falla e *La Chatte* de Sauguer.

A elle devemos o conhecimento de Pavlowa, Nijinsky, Karsavina, Baskot, Serge Lifar, Massine e Fokine, para só falar dos principaes, sem esquecer os pintores modernos, Picasso, Braque, Matisse, Marie Laurencin, etc.

Foi um grande renovador cuja audacia artistica era movida por um admiravel senso de oportunidade. Morre moço, Serge Diaghilew, nessa terra de Tiepolo, em cujos quadros elle foi buscar os esplendores decorativos de sua obra.

A NOVA CATHEDRAL CATHOLICA DE LIVERPOOL SERÁ MODERNA

O architecto inglez Sir Lingstens acaba de ser encarregado de projectar os planos da nova cathedral Catholica de Liverpool. O arcebispo Downey declarou que a nova cathedral seria dedicada a *Christo-Rei* e seria construida em estylo moderno de maneira a permittir ás futuras gerações associar o melhor estylo do vigesimo seculo á edificação de sua Cathedral. Monsenhor Downey em conversa com os jornalistas accrescentou — Nós desejamos um estylo de architectura moderna e não antiga. Não ha nenhum interesse em reproduzir uma má copia das obras primas que nos restam. Quero alguma cousa de forte e grandioso e que exprima a nossa epoca».

Sigam as nossas autoridades religiosas e architectos este exemplo quanto tiveram de planejar a nova Cathedral a ser edificada na Ponta do Calabouço.



O MAIOR ORGÃO DO MUNDO

Nos confins do Tyrol da Baviera, na fortaleza de Keschstein vae ser construido proxivamente um orgão gigantesco destinado a commemorar os *fastos da epopea germanica*. O som desse instrumento de dimensões prodigiosas

será irradiado por meio de poderosa estação ao mundo inteiro e lembrará a toda humanidade, no dizer de seus promotores, a glória dos heróis da raça alemã. O instrumento possui 27 registros e um grande carrilhão composto de 13 sinos e será instalado na torre da fortaleza. Custará cerca de mil contos. Só os grandes artistas serão autorizados a tocar.

STRAVINSKY CURIOSO E PARADOXAL

Ultimamente, o grande músico russo entrou num terreno, que difficilmente se sabe se está falando a serio, caso em que se lastimará a decadência, ou se arma um enorme logro, o que não recommenda a sua sinceridade artistica. Dizem outros que foi Cocteau quem o intoxicou completamente. Pois bem, Stravinsky não contente com o *Beijo da Fada*, á maneira de Tchaikovsky, que declara um artista incomparavel, vae adiante e diz que o maior músico de todos os tempos foi... Czerny! Não se trata de uma *boutade*, como poderá parecer, mas de uma ousada afirmativa, que se vae ligar á sua tendencia intellectual de rigorosa disciplina. Porque, da obra de Czerny, aliás muito numerosa, não ficou senão a parte de exercicios e estudos, quer dizer a orientação mecanica de formação do pianista. Stravinsky, depois da genialidade de *Sacre* e de *Noces*, enfeixa-se num preconceito incompreensivel. Esperemos que tudo isso seja a parte doutrinaria, que quasi nunca interessa ao artista criador, e que, quando volver ao inconsciente maravilhoso, o deslumbramento continue.

«INTÉGRALES» DE VARÈSE

Foi Villa Lobos que nos falou entusiasmado desse compositor moderno americano, que acaba de dar, com enorme exito *Intégrales*. É uma musica, que em que a thematica, a harmonia, o contrapondo, são de segunda ordem, escreve Raymond Petit, «nella tudo reside em blocos sonoros de intensidade diferente e muitas vezes formidavel. Continua esse critico dizendo que della se póde divergir, não gostar mesmo, mas é uma musica que conquista, subjuga e se impõe, por um extranho e brutal dinamismo.

UM ORATORIO DE DARIUS MILHAUD

Darius Milhaud termina o seu oratorio *Christovão Colombo*, palavras de

Paul Claudel, que será levado pela primeira vez, em março vindouro, em Berlim. Tem o mesmo compositor uma opera em preparação sobre Maximiliano, o tragico imperador do Mexico, baseada em motivos populares mexicanos.

A PARTITURA ORIGINAL DE BORIS GOUDNOV

Foi publicada, conforme se tem anunciado a partitura original de Moussorgsky, *Boris de Goudnov*, que, como se sabe, foi adaptada para as representações por Rimsky-Korsakoff. Os que conheciam a obra original, sempre reprocharam Rimsky de tel-a deformado, na só na sua essencia, bem como no final, cortando uma grande parte. Agora, com a publicação original, em que a obra genial da musica russa é dada em toda sua pureza, cogita-se de promover a sua representação, que permitirá uma impressão mais grandiosa, mais justa e perfeita da opera maravilhosa.

PREMIO PARA UM POEMA SYMPHONICO

Foi instituido pela *Hollywood Bowl Association* um premio de mil dollares para um poema symphonico para grande orchestra, cuja execução não deverá ser de mais de vinte minutos. O concurso é internacional e os manuscritos dos concurrentes devem ser endereçados até 1.º de Fevereiro de 1930, á *Hollywood Bowl Association, Suite 903, 6777 Hollywood Boulevard-Hollywood — California — E. U. A.*



O NOVO LIVRO DE LUDWIG E AS RESPONSABILIDADES DA GUERRA

A historia da grande guerra ainda está por ser escrita e com ella não de se definir as responsabilidades daquelles figurantes que mais concorreram para seu desencadeamento. Se é verdade que muitos factos se esclarecem á medida que se apura a verdade, varios outros dormem no silencio daquelles que mais de perto tomaram parte nas suas preliminares.

Emil Ludwig, o celebrado autor de *Napoleão* e outras obras por demais discutidas, acaba de indirectamente pro-

vocar forte polemica, util sob ponto de vista historico, com o novo livro que publicou sob o titulo *Julho de 1914* em que apresenta certos personagens da politica austro-hungara sob um aspecto que lhes desagrade.

O antigo ministro do Exterior Conde de Berchtold foi o primeiro a protestar vehementemente, accusando Ludwig de presumçoso, imprudente e falsario da Historia.

Na carta que enviou ao *Poster* do dia 6 o ex-ministro nega que o Conde Tisza se tenha deixado levar por considerações em favor do prestigio da monarchia.

Um ponto muito interessante da referida missiva é o que concerne á declaração de guerra. Elle assegura absolutamente falso que na audiencia de Ischl, tenha querido arrancar de Francisco José, ainda hesitante, a declaração de guerra, narrando-lhe episodios de certos ataques servios contra os austriacos, ataques que não foram confirmados posteriormente. Segundo o Conde Berchtold, mesmo antes dessa noticia se expandir, elle havia sido autorizado pelo imperador, dado o tom pouco satisfactorio da resposta servia, a chegar a soluções extremas e acrescenta o antigo ministro que se elle tivesse tentado fazer crêr ao soberano qualquer coisa que mais tarde fosse reputada falsa, o ex-imperador não teria hesitado em obrigar-o a pedir demissão.

O ex ministro termina sua carta com uma ironia, recommendando áquelles que gostam de romances criminaes a lêrem a obra de Ludwig, mas aquelles que desejarem conhecer a verdade historica devem se abster de consultá-lo.

Essa polemica suscitou viva impressão em toda Europa Central e certamente provocará commentarios tendentes a lançar certa luz nos prologos dessa immensa tragedia que foi a guerra mundial.

UM LIVRO DE LUIS DA CAMARA CASCUDO

Apparecerá em breve um ensaio de nosso collaborador Luis da Camara Cascudo sobre Charlie Chaplin, em inguez, traducção do Sr. Celestino Pimentel, intitulado *Charlie's Mask*.

«OCEANOGRAPRIA» DE ROBERTO SEIDL

O professor Roberto Seidl publicou em *plquette* a sua conferencia sobre o titulo acima, feita, por occasião de inaugurar o Curso Superior Livre de

Geographia, instituído pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, em 1927. Trata-se de um erudito estudo da formação e desenvolvimento da oceanographia, que é hoje em dia um dos capitulos mais interessantes da geographia, pela somma de utilidades que o estudo das aguas maritimas pôde trazer ao homem. Além do mais tem sempre um caracter aventureiro, que lhe augmenta a suggestão. Como synthese, a lição do prof. Seidl é muito apreciavel e confirma os seus meritos de um dos mais distinctos geographos modernos brasileiros.

AS RENDAS DE DIREITOS AUTORAES NA INGLATERRA

Paul Souday, respondendo a um inquerito entre os intellectuaes sobre se acreditava numa *crise de espirito* e sobre a forma de uma solução para essa crise declarou que, *ha dez annos que se acentuava essa crise*, que attribuia ás difficuldades que encontram para viver profissionaes do *segundo officio*.

As carreiras intellectuaes e liberaes vão pouco a pouco ficando desertas porque não se faz nellas fortuna, nem permitem viver decentemente. Hoje não se obtem o conforto senão no commercio, na industria ou no que genericamente chamam *negocios*. Os jovens que se obstinam nas sciencias e nas letras fazem-se engenheiros ou romancistas de aventuras na esperança de obter melhores resultados.

Cada vez mais se accentua a falta de cerebros nas especulações scientificas e na litteratura séria como a falta de braços na agricultura.

Parece mesmo que o mundo exterior tem sido sempre hostile ao intellectual. É facto que alguns escriptores auferem largos proventos de sua profissão intellectual, mas são justamente aquelles que se dedicam ao genero de romances de aventuras. Um exemplo disto está na estatistica de direitos autoraes que recebem certos escriptores ingleses e pela differença de renda daquelles que fazem litteratura menos pittoresca se vê confirmada a asserção de Paul Souday. Segundo o jornal inglez donde extrahimos essa estatistica, Hall Caine é o romancista que possui maior renda tirada de suas produções. Elle recebe annuaemente direitos autoraes que attingem a elevada somma de dois mil e novecentos contos de reis. Sir James Barrie é o segundo da lista com cerca de mil e quinhentos contos de reis annuaes e Bernard Shaw é o terceiro com cincoenta contos annuaes. Talvez, por isso mesmo, não esconda o famoso ironista seu despeito querendo accusar seus compatriotas de não saberem ler. No entretanto, Bernard Shaw, que possui uma fortuna de cerca de vinte mil contos de reis, em sua recente viagem a Polonia onde foi assistir á primeira representação do *Apple Car* fez profissão de fé socialista, pronunciando-se pela nacionalisação das minas e bancos e outras novidades do genero como o dia de quatro horas, provavelmente porque isso não virá affectar-lhe as rendas de bom burguez, provindas do emprego de seu capital em immoveis.

Varios se succedem com menores rendas. Mas, nos paizes, como o Brasil, onde as edições são limitadas e o numero de leitores escasso, ninguem

pôde fazer vida nas letras e os contratos de edição são ridiculos. Por isso a obra intellectual é sempre um enorme esforço.



SÉRIE JACKSON DE FIGUEIREDO

O «Centro D. Vital», homenageando a memoria do saudoso Jackson de Figueiredo, seu fundador, acaba de organizar uma serie de publicações, em pequeno formato, serie que terá o seu nome. Apparecerão em breve os livros de Tristão de Athayde: *Tentativa de Itinerario* e *De Pio VI a Pio XI* (XII e XIII da serie). Os annunciados são os seguintes:

- I — *Jackson de Figueiredo* — Cartas.
- II — *Vilhena de Moraes* — O culto de Maria, no Brasil.
- III — *Homero Pires* — D. Romualdo de Seixas.
- IV — *Andrade Bezerra* — O communismo.
- V — *Luiz Delgado* — O problema de cultura.
- VI — *Manuel Lubambo* — O distributismo.
- VII — *Hamilton Nogueira* — Educação sexual.
- VIII — *Perillo Gomes* — Reflexões sobre o milagre.
- IX — *Durval de Moraes* — As «Fioretti» de S. Francisco — (trad. e notas).

MOBILIAS "MAPPIN"

para Bungalows e apartamentos

Apresentação de modelos novos

em aposentos especialmente decorados

MAPPIN STORES

RUA SENADOR VERGUEIRO N. 147

- X — *Augusto Frederico Schimidt* — Ensaio sobre Mauriac.
 XI — *Americo Jacobina Lacombe* — O divórcio.
 XII — *Tristão de Athayde* — Tentativa de Itinerário.
 XIII — *Tristão de Athayde* — De Pio VI a Pio XI.
 XIV — *Tristão de Athayde* — Freud.

DIVERSAS

— Aparecerá em breve *Poesias* de Henrique de Resende, com prefácio de Renato Almeida.

— Acabam de aparecer: a 4.ª edição da *Pequena História da Literatura Brasileira*, de Ronald de Carvalho, a 2.ª edição da 1.ª série de *Estudos* de Tristão de Athayde e o *Descobrimento do Brasil* de Capistrano de Abreu.

— Foram distribuídos no anno passado, nos Estados Unidos em premios literarios cerca de 3.360 contos de reis.

— Entre os nomes citados na imprensa sueca para distribuição do premio Nobel de literatura estão Chesterton, Thomas Mann, Gorki, Sinclair Lewis, Guglielmo Ferrero, Galsworthy, Fala-se tambem em Roger Martin du Gard, autor da serie dos *Thibaut*, mas contra este ha a objecção de ter sido francez, Henri Bergson, o premiado de 1928.

— Annuncia-se que a vaga aberta pela morte de Paul Souday como critico literario do «Temps» ambicionada por numerosos criticos será dada a Pierre Lasserre que, fazendo-se conhecer, ha vinte annos por uma sensacional these na Sorbonne, contra o romantismo, publicou desde então, uma serie de estudos de grande valor.

— James Monquet publica um volume de *Versos achados* de Bandelaire que tem suscitado uma viva emoção. Monquet pretende que Beaudelaire fez aparecer uma parte de suas *Juvenilia* sob o nome de dois de seus camaradas Prarond e Privat d'Anglemont.

— Um recente estudo sobre *As ori-*

gens flamengas de Bethoven, Raymond von Aerde documenta a origem de Bethoven provando que o avô do grande mestre Luiz von Bethoven, capellmeister de Bonn, nascera em Molines. Segundo uma nota apparecida na *Chronica archeologica do paiz de Liège* os van Bethoven seriam originarios de Betho, perto de Tongres e de familia nobre.

— O governo facista dirigiu, ha pouco, circulares a todas as prefeituras do reino visando se oppor a *venda excessiva* das obras de escriptores russos taes como Gorki, Gogol, Dostoiewsky, Tolstoi e Turguenieff e mesmo certas obras de Jack London. O sub-secretario de Estado salienta nessa circular que o governo não pretende entrar o commercio e a venda legitima desses livros a preços normaes mas oppor-se-á á venda a preços que permitam deduzir que essas obras são divulgadas no interesse de propaganda de doutrinas contrarias do facismo.

— A sacra Congregação dos ritos inscreveu no *Index* a obra do escriptor dinamarquez Ditief Nielsen — *Jesus historico*.

— Bernard Shaw parece decididamente resolvido a não dar aos seus compatriotas a primasia de suas obras. Depois da apresentação de *Apple Car* em polonez antes de sua representação em inglez, eis que annuncia a primeira representação do *Kaiser da America* em allemão nos theatros de Berlim e Hamburgo, antes de ser conhecido do publico inglez.

— O Dr. Otto Ernest, historiador austriaco, descobriu nos archivos imperiaes de Vienna, um pacote de cartas, até agora desconhecidas, de Maria Antonietta, que projectam luz nova sobre a tragica historia da ultima rainha da França. Escrevendo sobre essas cartas, Clair Price diz que, com a sua ajuda, «é possível rever uma das mais penetrantes tragedias da historia, uma tragedia cujo theatro immediato foi Paris, ha cento e cincoenta annos atraz, mas cujo senacio mais amplo foi a Europa».



CINE-JORNAL

— A «British Filmkraf Production» annuncia um film biographico sobre o muico Leslie Stuart.

— O operador da P. C. D. tirou um film documentando a ultima viagem do «Corda Zepellin» na America.

— O explorador Van Dugern está executando um fil nas nascentes do rio Amazonas, realizando assim uma interessante documentação cinematographica dessa zona inexplorada.

— A Alfa Film Corporation recusou-se a submeter-se ás disposições da censura, em virtude das quaes as scenas relativas ao trafico das indulgencias, deveriam ser cortadas, no film *Luthero*.

— Os monjes do Convento de S. Francisco de Milão, fizeram passar um film sonoro, reproduzindo cerimoniaes e cantos liturgicos e destinado a ser projectado diante do Papa.

— O prof. Moscone, na *Rassegna Cinematographica*, de Milão, reivindica para a Italia a primeira invenção relativa á cinematographia sonora.

— Na Inglaterra, foram feitas experiencias de um novo tipo de film de dimensões variaveis.

— Em Milão, uma installação para a transmissão das imagens pelo fio está sendo montada. O prof. Korolus affirma, no «Neue Wiener Journal» que resolveu o problema tecnico da tele-transmissão.

— No numero de Outubro da «Revue Internationale du Cinéma Educatif», o prof. Aloysio de Castro publica um estudo sobre a applicação do cinema ao estudo das molestias nervosas.

CAE-LHE O CABELLO?

TEM CASPA?

Use "CAPILIDI"



Para se ter dentes bonítos, basta usar líquido "Odol" com "Odol" pasta.

O líquido *Odol* penetra em todos os interstícios dos dentes, embebe de substâncias desinfectantes os resíduos ali retidos, impedindo a sua decomposição e deste modo combate a causa da carie.

A pasta "*Odol*" torna os dentes alvos, sem atacar o esmalte e impede a formação das pedras (tartaro).

